

FERRÉZ

CAPÃO
PECADO

 Planeta

OBJETIVA

A número 1 sem troféu

1º Obrigado a Deus por me manter malandramente vivo.

2º Obrigado pelo espaço cedido ao C. L. da Z. S., vulgo M. B.

Estou no momento ouvindo "Lamento" do Tim Maia, + 1 loko que viveu a vida loka por não concordar com as pilantragens do mundão.

Sei lá qual que é, esse tinha mó cara de Capão Redondo, ó mano. Pode ser pretensão minha, mas eu acho que Tupac e Bob Marley também têm a cara da nossa quebrada.

Sem pretensão, a gente aqui do Capão nunca ia conseguir chamar a atenção do resto do mundo, porque da ponte João Dias pra cá é outro mundo, tá ligado?

Eu nem sei o significado do nome Capão e nem por que seria Redondo.

Eu era bem pivetinho e já ligava o nome Capão Redondo a sofrimento, 80% dos primeiros moradores, ou quase primeiros, eram nordestinos, analfabetos. Gente muito humilde, sofredora, que gosta da coisa certa. Gente igual à minha mãe.

São Paulo massacra os + pobres e aqui no extremo sul eu senti na pele o que é ser preto, pobre, filho de mãe solteira negra, que veio da Bahia

Nota: a cópia física deste material continha 18 páginas em branco que foram excluídas desta cópia digitalizada. Daí, a quebra de sequência na numeração ao rodapé de página.

Copyright © 2005 Ferréz

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2556-7824 – Fax: (21) 2556-3322
www.objetiva.com.br

Capa
Pós Imagem

Revisão
Umberto Figueiredo Pinto
Damião Nascimento
Antônio dos Prazeres

Editoração Eletrônica
FA – Editoração Eletrônica

F387c

Ferréz

Capão pecado / Ferréz. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2005

149 p.

ISBN 85-7302-720-7

1. Literatura brasileira - Romance. I. Título.

CDD B869.3

*Marquinhos, meu amigo, queria te dar um livro,
mas, como não posso, o dedico a você.*

Marcos Roberto de Almeida

25/7/1975

22/8/1999

Capítulo um

— Aí, mano! Eu bebo todo dia, cê tá ligado?

— Fumo pra cacete, mano, durmo sempre aqui em frente à vendinha da Maria.

— Já vi de tudo aqui no Capão, coisa que até o diabo duvida, mano, cê tá ligado?

— Sobrevivo comendo coisas que ganho, mano, e até reviro os lixo, é mó treta com os cachorro, cê tá ligado?

— Já fui esfaqueado duas vezes, mano; uma pelo Luís Negão e a última foi pelo Sandrinho e o China, uns moleque forgado da porra.

— E agora você pensa: tudo isso e eu ainda tô vivo, mano. Agora uma pá de maluco que comia bem pra caralho já foi embora, é só você pensar, o Senna, o Jânio, o João Paulo, o PC Farias, a mãe do Collor, o irmão do Collor, o Leandro, aquele da dupla sertaneja, cê tá ligado? Então num é embaçado, mano? Aí, eu vou sair fora agora, vai ter um boi na brasa lá no Saldanha, e hoje eu vou comer que nem um cachorro, falou Marquinhos, depois a gente se cruza.

— Falou Vasp, depois a gente se tromba.

Valo Velho, o nome que estava em seu registro de nascimento. Ele não sabia o significado do nome de seu bairro, mas admirava o campão onde os moleques maiores jogavam futebol todos os dias. Sentiu muito mas não teve escolha, e foi para o novo lugar onde seu pai pôde comprar um barraquinho.

Era muito pequeno. Como antes, não entendia o nome do lugar; Capão Redondo era um nome muito estranho, e o que lhe tinham explicado era que o nome era tirado de um artefato indígena, pois os índios faziam um cestão de palha que tinha o nome de capão, e vendo essa área de longe se tinha a impressão de ser uma cesta. Colocaram o nome de Capão Redondo, ou seja, “uma grande cesta redonda”.

O impacto da mudança para o novo terreno da prefeitura foi amenizado pelo carinho dos novos amigos, afinal até as brincadeiras eram as mesmas; e se num dia ele os conhecia, no outro já estava passando por suas casas, sendo bem-vindo, por causa do seu jeitinho educado e calmo. Seu aspecto sempre agradava as mães dos colegas: gordinho, cabelo todo encaracolado, e óculos grandes e pretos que ele já usava havia muito tempo. Tudo isso lhe conferia a aparência de um pequeno cdf.

Mas o que mais agradava era que o seu temor não tinha se cumprido, os seriados e desenhos ainda eram os mesmos; e, por incrível que pareça, até os horários haviam sido mantidos, e em sua pequena televisão em preto-e-branco ele se via numa realidade melhor.

Enquanto o Zorro chamava seu amigo Tonto, os Flintstones e os Jetsons aprontavam no passado e no futuro, o Pica-Pau nunca se dava mal, o gato Félix continuava engenhoso e tirando de tudo de sua bolsa mágica, o gorila Maguila pedia para ser adotado, o Manda-Chuva sempre tapeava a polícia local, mas ele nunca gostou de *Eu Amo Lucy*, achava que era para menininha. Seus preferidos eram mesmo os heróis de ponta de desenhos e seriados como *Super-homem*, *Batman*, *Flipper*, *Patrulha Estelar*, *Speed Racer*, *Jonny Quest*, *Combat*, *Bonanza*, *Daniel Boone*, *Rin Tin Tin*, e os superseriados japoneses, *Robô Gigante*, *Vingadores do Espaço*, *Spectreman*. O fenomenal Ultraman parecia fraco quando a luz em seu peito começava a piscar, mas com o Ultraseven não tinha nada de frescura não, ele cortava os monstros no meio, ar-

rancava-lhes a cabeça e depois voltava pra base como o humano Kenji, sem nenhum remorso. A série era tão pesada que só passava à noite, e foi proibida em quase todos os estados americanos, sendo liberada só para o Havai.

Rael acordava sempre às cinco da manhã, horário que presenciava seu pai já arrumado e sentado na cadeira, tomando café, esperando alguns minutos para ir trabalhar. Sua mãe sempre lhe trazia café com leite na cama, e ele não sabia que essa era a época mais feliz da sua vida.

Era véspera de Natal, os três em volta da árvore brilhante, se é que se pode chamar um cabo de vassoura em um pote de margarina com cimento e quatro varetas de bambu com pedaços de algodão na ponta de árvore de Natal. Rael perguntou por que Natal tem árvore de Natal e Papai Noel.

— É porque, com o passar do tempo, o homem foi esquecendo o espírito real do Natal, então fez essa invenção toda, meu fio.

— Ah! sei. — Foi mais um suspiro que uma demonstração de entendimento.

E eram já vinte horas.

O lugar dos presentes estava vazio. E era quase Natal.

— Ó Zé, tem alguém no portão! — exclamou dona Maria.

Zé Pedro correu seguido por seu filho, por seu gato Raul e por seu cachorro Renato e mais algumas sombras.

O carteiro, com a carta na mão, esperava pacientemente, imaginando mais uma caixinha. Zé não deu, Zé não tinha, pegou a carta rapidamente e entrou.

— O que que é véio? — perguntou dona Maria, abalada.

— É da Metalco! — respondeu seu Zé, reconhecendo o símbolo da empresa onde trabalhava.

— Abre, véio, abre.

— Abre, abre, abre — gritavam mãe e filho em coro com o latido do cachorro. O gato estava atento.

O conteúdo do envelope era um cartão de Natal. Todos pensaram juntos, a firma se importa com o Zé, com certeza ele é muito especial.

Seu Zé colocou o cartão na árvore e foi dormir, acompanhado de toda a família. A cama de solteiro era apertada para os três, mas eles sempre davam um jeito, o problema mesmo era a coberta, que não dava pra cobrir os pés e a cabeça.

Mas Rael era muito curioso, e não conseguia dormir. Algo o incomodava. Levantou-se lentamente, acendeu a luz, foi até a árvore, pegou o cartão e resolveu ler, pois quando seu pai olhava o cartão, ele só estava fingindo entender o escrito, pois tinha vergonha de ficar dizendo que era analfabeto.

Rael leu o cartão:

“Um Feliz Natal e que seja feliz, você e toda a família, é o que nós da METALCO desejamos a todos nossos funcionários, Amor & Paz!”

E Rael continuou a observar o cartão, notou que atrás havia letrinhas minúsculas, e, curioso, as leu.

“Cartão comprado de associações beneficentes com efeito de abate no imposto de renda.”

Era Rael sábio e entendeu aquilo.

Era Zé Pedro humilde e dormia tranqüilo.

Era mais uma família comum.

Era um Natal de paz.

Rael carregou aquilo consigo, mas com o tempo isso se tornou algo insignificante. Suas perdas eram constantes e aparentemente intermináveis: o primeiro amigo a morrer lhe causou um baque e tanto, mas a morte dos outros dois fora menos desgastante, afinal Rael estava crescendo. A necessidade de roupas e de um material melhor para a escola o fez começar a trabalhar numa padaria. Nos fins de semana, ele fazia curso de datilografia no mutirão cultural.

Naquele quinto dia do mês foi seu pagamento, seu primeiro pagamento. Ele chegou em casa todo orgulhoso, e já havia separado a parte de sua mãe, mas ela não se encontrava na cozinha, isso era sinal de que já estava dormindo. Rael foi conferir, e estava certo, dona Maria dormia, enrolada na única coberta da casa. Também, o descanso naquela hora era mais do que merecido, pois trabalhava em casa de família como diarista e ainda realizava o serviço de casa. Rael voltou para a cozinha, pegou a chaleira, pegou um copo e derramou o pouco de café que tinha em seu interior. Bebeu o café meio enojado, pois o líquido negro estava gelado; procurou fósforo para acender o fogão, mas não achou, e se lembrou que seu pai sempre esquecia as caixas de fósforos nos bares quando já estava de fogo. Ficou nervoso com a lembrança das bebedeiras de seu pai e foi dormir.

Capítulo dois

No dia seguinte, quando abriu os olhos, raciocinou rapidamente. O quarto estava muito claro, percebeu que perdera a hora, tinha que estar na padaria às cinco horas em ponto. Correu para a cozinha, pegou o relógio em cima do caixote e viu que já era mais de meio-dia; seus ombros deram uma leve inclinação e ele desfaleceu na cama, estava completamente desanimado. Como iria explicar um atraso daquele, logo nos primeiros dias de serviço? Ficou pensando, pegou os óculos, limpou as lentes na camiseta e decidiu que não ia lá se explicar, e no dia seguinte quando fosse normalmente trabalhar, falaria que estava doente, meio gripado.

Pegou alguns CDs que continham seus jogos preferidos e foi rumando para a travessa Santiago. Cumprimentou os dois amigos que estavam encostados no poste: Panetone e Amaral, que eram irmãos, mas nada parecidos. Rael passou, eles pediram que ele desse um tempo ali, mas ele explicou que ia ver se o Matcheros ou se o Cebola estavam acordados e se retirou; andou mais um pouco e adentrou a casa de Matcheros. Seu Lucas estava no sofá, como sempre, com um cigarro na mão e a caneca de café na outra.

— E aí, seu Lucas, tudo bem? — perguntou Rael, ao mesmo tempo que sentava no sofá.

— Tudo bem, Rael, tô com umas dor no bucho, mas acho que é por causa do café. É foda, eu tomo essa merda o dia inteiro.

— Mas eu não sabia que o café prejudicava tanto assim, seu Lucas.

— É, mas quando eu tomo, os nervo chega pulá, é porque também o café que a Silvinha usa é muito forte. Além disso, ela mete mais de três colheres de pó e o resultado é esse aí, um café saído diretamente do pântano.

— O senhor tá falando que nem o Matcheros, tudo dele é do pântano. E por falar nisso, cadê ele?

— Tá lá em cima, todo embrulhado que nem uma múmia. Foi dormir tarde de novo, e agora sei lá que hora vai levantar.

— É que eu trouxe uns CDs pra gente jogar, mas nem vou acordá-lo, senão ele fica reclamando o dia todo que os olhos dele tão ardendo.

— Faz o seguinte, Rael, dá um tempo aí, que o Cebola tá chegando da escola já, já.

— Mas, seu Lucas, ele não vai trabalhar hoje não? — Não, hoje não, hoje é folga dele.

— O que que o senhor está assistindo?

— Ah! eu tô vendo esse programa, ele passa umas comida muito louca, sabe?

— Sim, eu sei qual é, esse programa passa todo dia; é duma loira, tem até umas fofocas de uns artistas, não tem? — perguntou Rael com tom de ironia.

— Tem sim, é um cara barbudo, meio viado que fica falando da vida dos outros, quando chega a parte dele eu tiro e ponho na Band. Pra que, Rael, que eu quero saber se tal fulano lançou disco novo, ou se tal ciclano tá comendo as vadias que fica rebolando e dizendo que é artista? Eu tiro do canal mesmo, eu quero que eles todos se fodam!

— Tá certíssimo, seu Lucas, esses malucos aí ganham dinheiro às nossas custas, é carro importado, chapéu de dois mil dólares e...

Mas Rael não concluiu a frase, pois Cebola abriu a porta com tudo, assustando até seu pai, que perguntou por que aquele apavoramento todo; e ele disse meio ofegante que ouvira falar que

o seu Pedrinho lá da Sedinha estava avisando os moradores que a prefeitura estava pra tirar as famílias da favelinha. Seu Lucas permaneceu quieto e, quando Rael tentou pronunciar alguma coisa, foi impedido pelo gesto brusco de seu Luças, que se levantou rapidamente, pegou sua blusa e saiu correndo como um doido.

Rael e Cebola jogaram *videogame* até anoitecer. Quando Rael estava quase indo embora, Matcherros acordou e eles começaram a conversar. Combinaram de ir ao baile da News Black Chic, lá no pátio da escola José Olímpio; o som da equipe era muito bom e vinha gente lá do Valo Velho, Piraporinha, Jardim Ingá, Pirajussara, Morro do S, Parque Regina, Parque Arariba, São Luís, Buraco do Sapo, Parque Fernanda e de várias quebradas, pois os bailes e rolês noturnos eram cada vez mais raros na periferia. Todo baile que surgia não passava de duas semanas e acabava, ou era por causa de morte ou por causa dos policiais. Inclusive na Cohab tinha um som em frente ao bar do Quitos, tinha noite que chegava a ter mais de 2 mil pessoas curtindo o baile, o som já tinha mais de anos e era muito difícil sair alguma confusão, até que numa sexta-feira, quando o som estava lotado, uma viatura da Rota veio em toda velocidade e partiu pro meio do povão, sem mais nem menos. Mais de dez pessoas foram atropeladas e muitas acabaram com contusões, pois foram pisoteadas na correria. O Quitos, que era dono do bar, e os vizinhos ligaram pra polícia; chegaram várias viaturas, mas os tenentes acabaram sendo coniventes, e até hoje não deu em nada, só resultou no fim do baile.

Rael curtiu o som da equipe até a meia-noite, não podia ficar mais pois tinha que acordar cedo e vender muito pão na Venda das Pousadas. Atendeu os clientes como sempre, com muita educação e um sorriso de orelha a orelha. Seu horário chegou ao fim e ele foi correndo para casa, com o intuito de dormir um pouco antes de ir para o cursinho de datilografia. Chegou e não gostou nada quando sua mãe lhe disse que ele teria que retirar seu pagamento lá no mercado do seu Halim.

— Ah! mãe, você sabe que eu não gosto de trocar idéia com esses *playboys*, e ainda mais receber.

— Num posso fazer nada, meu fio, preciso do dinheiro pra poder fazer uma feira, afinal cê sabe que seu pai tá recebendo uma merreca de salário.

— Droga!

— Vai! Toma um banho e vai lá.

Não tendo escolha, Rael tomou um banho rápido, se arrumou e foi para o bairro da Liberdade. Antes, porém, foi à casa de Matcheros com a intenção de que ele o acompanhasse, mas Matcheros estava dormindo, e Rael sabia como era demorado até ele despertar e se arrumar. O jeito foi ir sozinho mesmo.

Ele tinha nojo daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores que os outros. Se seu pai estivesse com ele, com certeza já teria dito: esquentá não, filho, eles pensam que têm o rei na barriga, mas não passam dessa vida sem os bicho comê eles também. Os mesmo bicho que come nós, come esses filhas-da-puta; lá embaixo, fio, é que se descobre que todo mundo é igual.

Chegando ao mercado de seu Halim, o pão-duro já o havia visto de longe e já estava contando o dinheiro para lhe dar. Rael se aproximou e Halim nem o cumprimentou, só entregou o dinheiro e disse que o serviço de sua mãe estava lhe custando muito dinheiro. Rael não respondeu nada, só guardou o dinheiro no bolso, disse obrigado e se retirou. Mas Halim notou algo em seu rosto, algo estranho, talvez por um momento Halim tenha visto nos olhos daquele simples menino periférico um sentimento de ódio puro e tenha sentido por algum momento que um dia o jogo iria virar.

Pegou o primeiro ônibus, desceu no terminal Capelinha e lá pegou o Jardim Comercial. Conforme o ônibus avançava, ele se sentia melhor, se sentia mais em casa. Era constante o pensamento de que seu amigo Ratão estava certo, talvez se ele descolasse

uma granada, era só chegar no mercado do Sr. Halim e explodi-lo com toda sua ganância, mas como sempre ele relevava e dizia a si mesmo ser loucura tal ato.

Entregou o dinheiro para sua mãe, correu para o tanque, lavou o rosto como uma forma de desabafo, como se estivesse se lavando dos olhares daquelas pessoas hipócritas. Foi para seu espaço naquela pequena casa, pegou um livrinho de bolso de faroeste e começou a ler. Era uma terapia para ele, uma forma de esquecer aquelas pessoas tão preocupadas consigo mesmas a ponto de não notarem as pequenas coisas, os pequenos momentos, que às vezes trazem tanta felicidade.

Os olhos de Rael já estavam lacrimejando. Uma demonstração de cansaço, como era de costume. Retirou seus óculos, esfregou os olhos, mas decidiu não descansar. Levantou-se, colocou os óculos novamente e foi para a vielinha, onde, com certeza, poderia dar boas risadas e fechar sua noite com chave de ouro.

Na pequena roda em torno do poste estavam Matcheros, Panetone, Amaral, Cebola, Alaor e Amarelos. Rael chegou cumprimentando os manos, e já entrou na conversa logo de cara, como era de seu feitio. O assunto que estava rolando era a história de um certo gato que morreu do coração: o pobre gatinho ficava sempre perto do churrasqueiro que trabalhava em frente à padaria Pousadinhas, o churrasqueiro era residente na favela havia alguns anos e era mais conhecido por ser o pai do Alemão.

O gato sempre ficava do seu lado, e qualquer sobra de gordura, nervo ou carne era atirada ao gato, que já contava com uns quilinhos a mais.

O gato já tinha cumprido sua missão naquela noite e agora estava deitado perto da vielinha que fazia a ligação com a Cohab Adventista. Amaral e Panetone estavam conversando, quando

notaram que o gato levantou e ficou encarando o portão do Rogerinho Testa. O gato permaneceu uns cinco minutos encarando o portão, o portão estava todo tomado pela escuridão, o gato sempre observando e, com certeza, curioso com alguns ruídos que saíam daquela escuridão toda. O fato trágico foi realizado quando o infeliz felino decidiu ir mais à frente, e já estava bem perto do portão, quando um cachorro preto enorme pôs a cabeça pra fora e soltou um alto latido bem na cara do gato, que só estalou os olhos e caiu duro no chão. O pessoal correu pra ver o que havia acontecido e, examinando o pobre felino, conferiu que o mesmo tinha entrado em óbito, duro como uma pedra, morreu de susto, o coitado.

Quando Panetone terminou de contar a história, todos estavam com os olhos cheios de lágrimas de tanto rir, Rael deu boas risadas, mas como todos estavam arrumados, ele se ligou que o rolê daquela noite ia ser no Palácio, o maior ponto de encontro da Zona Sul, e se despediu avisando que teria que acordar cedo no dia seguinte para ir trabalhar, pois a padaria havia pego os pedidos das escolas da Prefeitura e ele teria que entregar os pães antes dos alunos chegarem.

Chegando em casa, pegou o pacote com alguns pães, retirou um, passou manteiga, esquentou na frigideira e comeu rapidamente tomando café. Em seguida foi se deitar, lembrou de pedir bênção à sua mãe, foi ao seu quarto, mas ela estava dormindo, deu-lhe um beijo e se retirou. Sentou em sua cama, juntou as mãos, rezou a Ave-maria e o Pai-nosso, desejou paz aos seus amigos e se deitou, ajeitou o travesseiro e fingiu estar dormindo quando escutou o barulho da porta se abrindo. Sabia que era seu pai e que estava completamente embriagado, estava completamente entregue, viajando no mundo da lua.

Capítulo três

Trabalhou o dia inteiro e estava louco para chegar em casa. Pensava no seu irmão, mas tentava não se precipitar e fingia acreditar que havia saída para aquela situação. Subiu as escadas do bloco 3 do prédio da Cohab, subiu dois andares, virou de frente para a porta, retirou a chave do bolso, colocou no buraco da fechadura e abriu a porta: sua avó estava sentada no sofá como de costume e a primeira coisa que fez quando o avistou foi perguntar por que seu irmão não estava com ele. Capachão respondeu, em voz alta e sem paciência, que não o havia visto; ela abaixou a cabeça e ele foi para o quarto se trocar. Mariano, que tinha o apelido de Capachão desde que começara a freqüentar a favelinha na travessa Santiago, não podia dizer para sua própria avó que seu netinho tão querido estava viciado em *crack*. Capachão sabia que o caminho de seu irmão estava traçado e que o diabo o estava esperando, seu irmão não tinha mais nada em comum com aquele pequeno menino que juntamente com sua irmã tocava as campainhas das casas nobres de Belo Horizonte, pulava e corria após as tocar. Essa brincadeira rendeu uma grande idéia a dona Alzira, a mãe dos pequenos: a partir daí, já não eram toques rápidos nem alegres, eram toques tímidos e humilhantes, o pão era pedido de porta em porta, e o orgulho dos pequenos também era perdido de porta em porta.

Sua mãe comia mais que todos, e os pequenos não se importavam com isso, pensando que seu pai não enviava o dinheiro, que era sua obrigação. E foi quando descobriram que dona Alzira recebia o dinheiro todo mês e que o gastava com bebedeiras

e jogos de azar que Capachão começou a odiar a própria mãe e decidiu morar com sua avó e seu avô, seguido pelo irmão e irmã mais novos.

Não demorou alguns meses e arrumou serviço numa borracharia, trabalhava de dia e estudava de noite, já estava pra completar seis meses de serviço quando seu patrão o chamou de canto e lhe contou que ia fechar por falta de cliente. Ele tentou explicar para a avó que ia arrumar emprego logo, mas esta não agüentava sustentar três e o mandou embora. Foi aí que a vielinha contaria com a presença de Capachão todos os dias, Matcherros o abrigou em sua casa, pois os dois haviam se conhecido na escola e já eram muito amigos. Capachão insistiu muito para que Matcherros o acompanhasse e fizesse com ele o exame na Polícia Militar, Matcherros recusou e disse que nunca seria um *Robocop* do governo.

Capachão passou em todos os testes, e agora tinha que esperar para ser chamado, alguns dias depois dos exames arrumou serviço numa vidraçaria perto do Jardim Jangadeiro, juntou algum dinheiro e comprou um barraco no alto do morro.

Rael e Matcherros sempre ficavam com ele até de madrugada jogando *Playstation*, compravam frango na padaria Menininha e comiam com pão, já que na casa do Capachão não tinha nem fogão. As tábuas do barraco já estavam tão apodrecidas que um leve toque as perfuraria, era só alguém querer que dava pra invadir numa boa; porém o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade, e foi isso que Capachão procurou fazer desde o primeiro dia em que tinha mudado para o Jangadeiro. Ele ia aos bares, pagava cerveja para os malandros mais velhos, doces para seus filhos, jogava taco com as crianças e não demorou a pegar a consideração de todos por ali.

— E aí, seus trouxas!

O grito era do Alaor, que estava chegando ao Postinho e fazia questão de chegar em grande estilo.

Panetone e Amaral nem responderam, não gostavam muito do estilo de Alaor e sabiam que, se dessem bola, logo ele começaria a cantar, sempre era assim, era só ele chegar que o assunto era totalmente desviado para a música. Cebola foi o que primeiro puxou conversa com ele, e o papo dessa vez não foi sobre música, a conversa aconteceu em torno do assalto que tinha acontecido no Banespa, pois certamente o dinheiro já tinha chegado ao Capão. Cebola tirou as dúvidas da cabeça de Alaor quando disse que o assalto fora realizado pelos amigos de Burgos; Alaor perguntou se Burgos e China estavam envolvidos e Cebola respondeu negativamente, explicando que só não foram por causa das armas: a quadrilha ia bem armada e municiada e não admitia os revólveres fracos dos dois.

Panetone falou que ia pra casa tomar um banho, se arrumar, para depois dar uma passada lá no bar do Polícia. Amaral resolveu fazer o mesmo e em alguns minutos a roda tinha se dissipado.

O bar do Polícia estava lotado, mas o bar em si não fazia tanto sucesso, o que fazia sucesso mesmo era o terreno muito amplo que tinha em frente: as caixas sempre pra fora espalhavam o som, os carros iam chegando e o pessoal só entrava pra buscar a cerveja, pois o preferido do pessoal era ficar lá fora, todos encostados nos carros conversando ou já procurando um par para aquecer a noite.

— E aí, Zeca! Quer uma cervo gelada?

— Não Burgos, eu tô a pampa. Porra, o bagulho tá cheio hoje, hein, mano!

— É! O bar do Polícia é o *point* agora, cê tá ligado? Também, o lava-rápido lá perto da igreja fechou; lá dava umas 2 mil pessoas, mano.

— O que pegava lá, Burgos, é que o som da equipe tinha uma puta qualidade, aqueles manos da Thalentos são foda, além do equipamento eles agitam o pessoal pra caramba.

— É, pode crê, eu vim lá da Funchalense agora, tava tomando umas breja lá, com os manos da Sabin.

— Ô Burgos, na moral, num fica dando rolê com esses mano não. Cê tá ligado que tá mó treta aí nas quebra, mano.

— Num esquento não, Zeca, eu num chego nesses rolê sozinho, cê tá ligado? O Ratinho e o China tavam comigo.

— Tá certo. Aí, mano, eu tô indo buscar mais uma, cê faz um tempo aí?

— Não, não, Zeca, eu tô indo, falou.

— Falou, Burgos.

Zeca buscou a cerveja e continuou bebendo, mas de repente se lembrou de uma reportagem que tinha lido naquela manhã, a matéria dizia que São Paulo era uma das cidades mais badaladas do mundo, uma das únicas que funcionam 24 horas, na matéria se destacavam casas noturnas, restaurantes e todos os tipos de comida que eram encontrados nas noites. Zeca comparou tudo aquilo que os *playboys* curtiam e o que ele tinha ali em sua frente, resolveu parar de pensar nisso, andou alguns metros e foi comer um churrasquinho na barraca da dona Filó.

Rael abriu os olhos lentamente, o sol que entrava pelas frestas das tábuas irritava seus olhos, levantou e foi até a cozinha, onde sua mãe estava preparando café, ela lhe perguntou algo, mas ele não ouviu direito, e foi para o banheiro lavar o rosto.

No ato de molhar o rosto entendeu o que sua mãe tinha dito, e se lembrou que tinha que ter ido trabalhar naquele dia, mas já era tarde, mais um dia de serviço jogado fora, se sentia totalmente desanimado. Sentou à mesa com sua mãe e começou a comer umas bolachas de água e sal e a tomar café. Estava estranhamente calado, talvez pensando no sonho que acabara de ter, um sonho que nada tinha a ver com sua realidade.

— Fio, estão chamando lá fora, acho que é o Will — disse sua mãe.

Rael se dirigiu ao portão e avistou Will e Dida, dois amigos que há muito não via.

— E aí, manos! Que saudade, por onde vocês tavam, hein?

— Rael, meu truta! Nós tava em Paraisópolis, eu e o Dida tivemos que ir pra lá por causa do nosso pai, arrumou treta aqui.

— É, isso eu fiquei sabendo, mas vocês podiam avisar pô! Todo mundo ficou preocupado, não sabiam nem o que tinha acontecido com vocês.

— Só! Mas o importante é que nós voltamos e vamos visitar todos os manos, tá ligado? E o Matcherros continua jogando *Playstation* com o Narigaz até de manhã ainda?

— Vixe, nem te falo mano, o filha-da-puta só acorda depois das cinco da tarde, nem adianta colá lá agora, é mais fácil vocês irem à casa do Panetone, pois ele é um dos pouquíssimos que acorda cedo.

— Certo! Então nós estamos indo lá, depois a gente se cruza, tá ligado? Mas chega aí, você continua lendo que nem um louco ainda?

— É, eu continuo estudando, né, mano. Tô comprando uns livros no Sebo do Messias lá no Centro, mas depois nós troca uma idéia melhor, vão lá no Panetone, depois vocês colam aí, acabei de acordar.

— Num esquentar não Rael, depois a gente cola aí, falou mano!

— Falou! Aí; volta mesmo, hein!

Rael voltou a tomar seu café, que já estava morno, mas estranhara os amigos; eles tinham partido havia seis meses tão saudáveis e em tão pouco tempo ficaram extremamente magros e com um aspecto de acabados.

Sua mãe estava saindo do quarto e o notou pensativo. Foi quando lhe disse que não queria seu único filho envolvido com aqueles caras, apesar de serem filhos da Maria Bolonhesa, sua amiga,

e de terem sido seus amigos de infância, agora já não eram mais boas companhias. Rael perguntou por que sua mãe estava falando isso, e por que a certeza de que eram más companhias, se eles tinham voltado ao bairro havia pouco tempo.

A resposta de dona Maria veio imediatamente.

— É que a Maria Bolonhesa me contou muito aflita e com lágrimas nos olhos, fio, que eles se meteram com coisa errada lá pra onde haviam se mudado, e que estavam correndo risco de vida, inclusive que lá em Paraisópolis eles tão com a cabeça valendo dinheiro, por dever nas bocas de fumo.

— Mas, mãe!, isso é mentira, o Will e o Dida não são disso não, eu sei que eles...

— Deixa eu terminar, meu fio, a encrenca toda foi armada porque eles se envolveram com as pedras, e cê sabe que desse tipo de droga ninguém sai vivo.

Rael não esboçou mais nenhuma reação, se retirou para o seu quarto, pegou uma blusa e saiu. Sua mãe tentou alertá-lo, mas ele já não ouvia mais nada, pairavam em seu pensamento somente as imagens dos dois amigos de infância.

Chegou à casa do Panetone alguns minutos depois e bateu palmas freneticamente. O amigo logo saiu e o convidou para entrar, Rael deu a negativa e perguntou dos dois irmãos, Panetone respondeu que eles tinham acabado de ir. Rael, mesmo com a insistência de Panetone, não contou nada, se retirou e foi para a casa do Matcherros, mesmo sabendo que este estava dormindo. Falou com Cebola o que estava acontecendo e os dois saíram a procurar Will e Dida.

Quando estavam descendo o São Bento velho, cruzaram com Burgos, que estava com uma blusa imensa, sinal de que estava armado. Burgos deu sinal para pararem e perguntou se haviam visto Will por lá. Rael estranhou e disse que não sabia que ele havia voltado, Burgos nem agradeceu, virou as costas e saiu apressadamente. Cebola o avisou que o palco já estava armado e que Burgos

nunca saía na correria à toa, alguma coisa tava pegando pro lado do Will, e que desconfiava que haviam sido os manos da Paraisópolis que tinham contratado o Burgos pra fazer o serviço; afinal as bocas não podem se dar ao luxo de ficar com prejuízo, porque senão os negócios despencam: é só um nóia saber que tal mano comprou na boca, não pagou, e nada aconteceu, que tá feito o boato que os chefes da boca não tã com nada. O respeito tem que prevalecer.

Rael concordou com a tese do amigo e ficou mais preocupado, ainda mais porque sabia que Burgos era sangue no olho e que se ele tava na treta, nada mais poderia ser feito pelo Will. Resolveu ir para casa, pegou outro livrinho de bolso e começou a ler após tomar banho, alguns minutos depois cochilou e só teve força em seus braços para pôr os óculos na cadeira que ficava ao lado de sua cama, servindo de criado-mudo.

Capítulo quatro

Dona Maria Bolonhesa e Raulio assistiam à televisão impassíveis, somente os olhos se mexiam bruscamente.

As imagens que viam não combinavam com o que pensavam, e no interior de cada um a confusão era constante.

Ele adormeceu rápido, a esposa não notou, as luzes estavam apagadas, uma vela acesa fazia homenagem à Padroeira, a santa de devoção do casal.

A casa era de todo humilde, mas não se sentiam infelizes, a não ser pelo fato de seus dois filhos, Will e Dida, nunca estarem em casa. Achavam que isso era passageiro e que com o tempo os dois teriam mais responsabilidades, se tornariam companheiros.

Dona Maria Bolonhesa não fechava os olhos, não conseguia dormir desde que voltara de Paraisópolis. Ela gostava de lá, mas Will havia arrumado confusão com um tal de Azeitona, e esse moço insistia que seu filho estava devendo a ele. A família, pra evitar mais confusão, mudara. Dona Maria queria esquecer o assunto, começar uma vida nova, mas seu coração de mãe pressentia que algo de ruim iria acontecer.

Levantou-se, acendeu a luz da sala, ajoelhou-se e começou a rezar, pois iria se deitar. Terminou a reza, abriu os olhos e olhou para a Padroeira, como era seu costume todas as noites, mas sofreu um susto tremendo quando viu uma barata enorme passando entre a santa e a vela. A barata se jogou no chão e dona Maria correu para o armário, pegou álcool e uma caixa de fósforos, enquanto a barata subia pela perna de Raulio, que continuava

dormindo pesadamente no sofá. Dona Maria jogou o chinelo na perna de Raulio, o que desequilibrou a barata, fazendo-a cair no chão novamente, só que dessa vez de bruços. Dona Maria despejou um pouco de álcool no inseto, atirou-lhe um palito de fósforo em chamas, a barata foi rapidamente incinerada e soltou um assovio antes de parar de balançar as pernas já queimadas.

Raulio acordou assustado e muito suado, perguntou o que aconteceu, e, após ouvir as explicações de sua esposa, contou que havia tido um estranho sonho, onde ele caía num abismo e uma voz que parecia a voz de seu filho mais novo, Will, o chamava.

Os dois ficaram mudos por alguns segundos e não entendiam o que estava acontecendo, e como se controlados por uma força maior, olharam ao mesmo tempo para a barata calcinada. Notaram algo incomum naquele inseto, a barata estava de bruços e em seu corpo apareciam claramente três listras brancas. Raulio deu ordem à mulher para que pegasse um vidro; ela o fez rapidamente, e com a ajuda de uma pá de lixo Raulio pegou o inseto e o colocou num vidro de maionese, tapou e disse que iria levá-lo à casa de Pai Ixá, um velho pai-de-santo, que era havia muito tempo amigo da família.

Amanheceu, Rael levantou cedo, se arrumou e foi trabalhar, logo pela manhã ouviu um monte do seu patrão pela falta do dia anterior. O resto do dia foi tranqüilo, entregou os pães nas escolas, serviu os clientes, lavou o *freezer* onde se colocavam os leites e foi para casa. Chegando lá, estranhou quando viu aquele monte de gente, e parecia que o movimento era em frente à sua casa. Correu, pois sabia que o povo dali só se unia assim pra falar mal dos outros, ou então pra ver morto. Rael corria e preferia que se tratasse do seu primeiro pensamento; mas não foi assim, Dida estava caído em frente à sua casa: estava de costas, sem o par de tênis e com uma enorme mancha de sangue nas costas. Rael se abaixou, tocou seu rosto e começou a chorar. Sua mãe insistiu para que ele entrasse, estava com medo de que o assassino achasse

que Rael, por ser amigo de Dida e Will, poderia servir de testemunha, ou então querer uma vingança. Insistiu, insistiu, mas Rael continuava abaixado chorando. Foi quando Zé Pedro, seu pai, o abraçou por trás, o levantou e o arrastou para dentro do barraco, sem muita resistência.

Duas horas depois a Tático Sul chegou ao local, cobriu o corpo com um lençol pedido a uma vizinha. Ficaram comendo carniça por mais de seis horas quando o IML chegou e foi logo retirando o corpo. O pessoal nem estranhou o fato de os legistas não terem examinado o corpo, todos por ali já estavam acostumados com o descaso das autoridades.

A resposta de Pai Ixá sobre o estranho acontecimento não demorou muito, alguns dias depois ele foi à residência do casal e disse que o sonho de Raulio se encaixava com a história de dona Maria Bolonhesa, e que o inseto que em seu corpo continha três listras significava duas coisas: se o acontecido tivesse ocorrido antes da meia-noite, significava sorte e amor abençoados pelas três divindades, Pai, Filho e Espírito Santo; se o acontecido tivesse ocorrido após a meia-noite, significava três mortes.

Pai Ixá perguntou pelo horário, Raulio disse que não sabia, mas dona Maria, que tinha ido à venda, sim. Raulio pediu que Pai Ixá a esperasse, ele esperou alguns minutos e logo disse que não podia deixar o centro sozinho muito tempo. Raulio o acompanhou até a entrada do Valo Velho e estava voltando pra casa quando foi enquadrado pela Polícia Militar. Pediram seu documento, e enquanto averiguavam se ele estava armado, conferiam sua documentação pelo rádio. Seu Raulio foi enquadrado; ficou preso por uma semana, esperando a resposta que diria se ele havia cumprido o tempo certo de sua pena, pois havia a possibilidade de ele ter saído em razão de uma fuga. A resposta chegou e ele foi finalmente liberado.

Nos dias que se seguiram à morte de Dida, quase ninguém estava saindo depois de escurecer, sabiam que o próximo a morrer era Will, a não ser que alguém matasse Burgos primeiro.

Geóvas, Ratinho, Jaçaré e China jogavam bilhar no bar do Joaquim e demonstraram espanto quando viram Will andando sossegado na rua de baixo, indo em direção à Cohab do Jânio. Os quatro riram quando viram Burgos passando logo em seguida, vindo como um demônio, bem na moralzinha atrás de Will. Não esperaram para saber o que ia acontecer, largaram os tacos, pagaram a ficha a Joaquim, avisaram para ele fechar o bar e cada um foi para sua casa.

Alguns minutos depois muitas pessoas já estavam em volta de Will, que estava com um ferimento na cabeça e ainda tremia; dona Maria Bolonhesa correu logo que soube do acontecido, abaixou-se, abraçou o filho fatalmente baleado e chorou, chorou, chorou...

Cebola, Panetone, Narigaz, Alaor, Amaral, Amarelos, Zoião, Sapo, Kim e mais alguns amigos acompanharam o velório que foi realizado no Cemitério São Luís. Estranharam o fato de Rael não ter ido ao velório, nem ao enterro do amigo, pois todos sabiam que ele era muito apegado a Will, mas assim como no enterro de Dida, a verdade era que Rael não tinha mais estômago.

Depois de liberado, Raulio chegou em casa, abriu a porta e teve à frente de seus olhos a pior visão que um homem pode ter: dona Maria Bolonhesa, sua esposa, mãe de seus filhos, estava pendurada por um fio de cobre, amarrado ao teto, e sua barriga estava cheia de furos.

Rael foi ao velório de dona Maria Bolonhesa.

Segunda parte

+ 1 AKIM

Sou apenas mais um guerreiro quilombola do exército de ZUMBI contrariando tudo e todos, com metas diferentes, planos loucos, mas ideais gigantescos.

Contra a elite e a favor do meu povo. Contra alienados e a favor dos revolucionários.

“Zé povinho” fica mordido, não entende, aponta, julga e condena, mas aí RAP é meu escudo, é minha arma, é questão de vida ou morte.

Não me deixo levar, a Rede Globo até tenta, mas não vai me enganar.

Não tô a fim de ver a merda da Sandy e o bosta do Júnior o dia inteiro na TV cantando suas músicas sem conteúdo e ganhando dinheiro com a miséria do meu povo.

Me fazer de cego, não tô a fim, de aturar esta porcaria que domina a mídia fonográfica, televisiva e escrita.

Mas aí truta no controle remoto se faz uma nação. Meu povo tem que acordar, parar de sonhar.

Preferem viver em um mundo que não é deles, assistindo TV, se deixando manipular que nem piolho, indo pela cabeça da elite.

Seguindo o que falam que é certo, julgando e condenando o que falam que é errado. Não tem opinião própria, o barato é uma guerra e as armas estão apontadas para o lugar errado.

Mas os guerreiros já tão sacando e cada vez mais se organizando, se informando e montando estratégias de guerrilha. Aderindo à “vida loka” e buscando a justiça no mundão.

Em 2001 só os guerreiros justos vão permanecer. “Da ponte pra cá é nós”!

A vida é uma guerra pra encontrar a paz nela tem que ser um guerreiro.

Aqueles que protestam na injustiça são pessoas como valor sem igual.

Aqui quem tá falando é Ratão, mais um soldado dessa guerra, sempre na cabreragem me esquivando das maldades.

A vida é um jogo, e a morte é a consequência.

Aqui não tem artista, eu sou mais um porra loka, filha da sul, instalado em Capão-SP.

Fazendo o possível pra se manter em pé.

Meu corpo está preso na guerra, mas minha mente escapa em liberdade.

Literatura marginal lado a lado com os guerreiros de verdade.

Vida longa aos guerreiros justos.

Ratão, 1 dasul, extremo sul da Zona Sul.
dezembro de 2000

Capítulo cinco

Os vizinhos ouviram os gritos e foram correndo ver o que estava acontecendo. Ficaram chocados, mas o que todos eles se perguntavam era como iriam dizer a Raulio que, durante o tempo que estivera preso por engano, além de ter perdido sua esposa, havia perdido também seus dois filhos.

South, após ouvir os comentários de várias pessoas, chamou Rael para ir com Mixaria e Capa ao Parque Santo Dias, apelidado por eles de Mata. Rael aceitou e começaram a comentar sobre a tragédia que havia acontecido com o seu Raulio. Rael ainda estava abalado e South tentou tranquilizá-lo, mas sabia que o amigo tinha um gênio forte e que nem as mais belas palavras iriam mudar seus pensamentos.

Chegaram à Mata e correram por alguns minutos, fizeram abdominais, barra, alongamento e resolveram jogar capoeira, menos Mixaria, que só pensava em beber e não agüentava mais fazer qualquer tipo de exercício.

Ficaram na Mata até escurecer, e resolveram sair quando notaram que os maconheiros estavam chegando. Logo, logo, aquilo ali estaria cheio deles.

South, antes de se despedir de Rael, o avisou de que iria fazer ficha em uma metalúrgica ali perto e perguntou se o amigo gostaria de ir. Rael disse que sim, pois a padaria não lhe daria futuro nenhum, e pediu que South fosse à padaria depois das 14 horas, que é o horário que a turma da manhã sai. South concordou e saiu remando em seu *skate*, deixando Mixaria e Capa para trás.

Rael dormiu tranqüilamente e no dia seguinte trabalhou como sempre, atendendo os clientes com muito carinho e atenção. Já eram 14 horas, South chegou apressado, estava com o *skate* na mão e avisou o amigo de que não iria mais fazer ficha na metalúrgica, pois estava indo para o Parque do Ibirapuera encontrar uns amigos. Rael disse que iria sozinho mesmo, iria pelo menos tentar fazer uma ficha. South concordou, lhe passou o endereço e desejou boa sorte.

Rael se despediu de Marcão e Celso, que eram irmãos e donos da padaria, subiu a rua Ivanir Fernandes e depois passou pela Falkemberg. De lá ele avistou a escola Maud Sá e ainda pensou em passar na quadra pra ver se tinha uns colegas jogando bola, mas deu prioridade em achar a metalúrgica. Prosseguiu e chegou à rua da feira, avistou a padaria São Bento, subiu mais um pouco, passou por ela, desceu a rua da Tenge onde antigamente era um grande matagal. Ele lembrou que quando aquela área foi desmatada para se construir um conjunto habitacional, foram encontradas inúmeras ossadas: ali era um cemitério clandestino. A imprensa noticiou o fato, que causou grande impacto na população. A polícia foi lá, desenterrou alguns corpos, levaram para perícia e até hoje não se chegou a nada. Rael finalmente chegou à metalúrgica, tocou a campainha e logo foi atendido por uma bela garota de olhos castanho-claros, cabelo extremamente negro, rosto angelical e um corpo escultural. Ele ficou admirando, quando ela de repente falou:

— Oi, Rael, o que está fazendo aqui?

Foi quando ele se tocou: a linda garota na sua frente era nada mais, nada menos do que a namorada do seu melhor amigo.

— Olá, Paula, eu... eu... vim tentar fazer uma ficha, tinha me esquecido que você trabalhava aqui.

Ela, com um tom totalmente irônico, respondeu minimizando a situação.

— Ah! sei, pode entrar que eu vou falar com o seu Oscar, ele é o dono; espere só um pouquinho.

Rael entrou e sentou no grande sofá, que combinava com a decoração do escritório. Era uma sala pequena, duas mesas, um armário, um arquivo e um micro faziam parte daquele recinto. Ele ainda estava meio abalado, nunca percebera o quanto Paula era linda, no seu íntimo ele sentiu uma estranha atração, mas não queria aceitar.

Paula voltou com uma folha na mão e disse que seu Oscar havia pedido que ele preenchesse aquela ficha, pois estava precisando de alguém na área de produção.

Rael pegou a ficha e disse que qualquer coisa estava bom, o que ele queria era sair da padaria, pois não agüentava mais trabalhar de segunda a domingo. Pegou a ficha e começou a preenchê-la; Paula foi saindo e Rael a olhou meio disfarçadamente, analisou sua saia minúscula e suas pernas bem torneadas. Meu Deus, o que estou fazendo, pensou. Estava extremamente confuso com aquela situação, preencheu a ficha cuidadosamente e esperou a entrevista com o dono da empresa.

O dono da metalúrgica, seu Oscar, veio entrevistá-lo. Leu a ficha rapidamente e foi logo falando que só havia uma vaga na área de produção, ele precisava de um ajudante de produção, era um trabalho muito simples: fornecer as peças e pendurá-las com arames. Rael disse que estava a fim de trabalhar e que qualquer coisa seria de grande ajuda. Seu Oscar pensou um pouco e disse que o novo funcionário poderia começar no dia seguinte. Rael ficou muito contente, deixou escapar um grande sorriso e disse que na manhã seguinte estaria ali.

Despediram-se e Rael correu para casa para contar a novidade a sua mãe, pois agora poderia ajudar mais em casa, já que o salário era maior do que o da padaria. Na pressa nem se despediu de Paula, mas durante o restante daquele dia não pensou em mais ninguém, não conseguia apagar de sua mente aquele rosto iluminado pelo sol, aquela boca úmida que parecia pedir um grande beijo.

Mas teve que parar de sonhar um pouco, pois tinha que concluir uma árdua tarefa. Já era tarde da noite e foi para a padaria, mandou chamar o Marcão e explicou que havia conseguido um emprego melhor, com o qual poderia dar mais dignidade para a sua família. Marcão disse que sentia muito, pois já fazia quatro anos que estavam trabalhando juntos, mas queria o melhor para ele. Se despedindo, o patrão o orientou a pegar os papéis e o dinheiro do tempo de casa no dia seguinte. Rael disse que no outro dia à tarde passaria por lá, despediu-se de seus amigos, pegou seus últimos seis pães e saiu de cabeça baixa. Talvez por desencargo de consciência, passou na casa de Matcherros. Só indo à noite mesmo para o encontrar acordado, pois o amigo dormia a maior parte do dia. Cumprimentou o amigo e disse que iria entrar na metalúrgica perto da Tenge. Matcherros ficou contente, ofereceu café para Rael, e quando estava se levantando para pegar, disse:

— Aproveita e olha a Paula pra mim, mano, eu tô meio desconfiado dela, tá ligado?

— Que é isso, Matcherros, ela é muito gente fina, e muito trabalhadora pelo que eu vi lá, tá ligado?

— Nunca se sabe, velho amigo, nunca se sabe, mulher é um bicho em que não se confia.

Rael concordou para não haver discussão, tomou o resto do café, despediu-se do amigo e foi para casa, onde ficou pensando sobre o ocorrido. Matcherros não confiava em Paula, mas era ele que a traía direto. Todas as vezes que saíam juntos, Matcherros catava uma mina diferente por rolê, era extremamente mulhereengo. Na verdade ele não dava valor à namorada que tinha. Rael decidiu parar de pensar nisso e foi tomar café. Quase pisou em seu pai que estava caído na cozinha, todo sujo de lama e babando, sua cabeça estava perto do fogão e seus pés embaixo do armário. Rael ignorou a imagem, pois estava acostumado com ela, desistiu do café e em poucos minutos se deitou e dormiu.

Capítulo seis

O despertador era implacável, não parava de tocar. Rael levantou-se rapidamente, lavou o rosto, se arrumou e tomou café, despediu-se de sua mãe e foi para seu novo emprego.

Chegando à porta da metalúrgica, cumprimentou seus futuros amigos de serviço, foi apresentado ao Jeguinho, um menino baixinho e de óculos, muito humilde. Também lhe apresentaram o Chapolim, um senhor de idade, com um nariz avantajado e orelhas caídas; e o Cuba, que já era conhecido seu. O Cuba era primo do Zeca, um amigo antigo de Rael, que estudara com ele no Euclides da Cunha; mas Rael estava preocupado em ver somente uma pessoa, e lá estava ela: encostada na parede, olhando-o de longe com aquele olhar de “aproxime-se de mim pelo amor de Deus”.

Ele não hesitou em nenhum momento e foi apressadamente em sua direção, deu-lhe um beijo no rosto e desejou-lhe um bom-dia, ela sorriu e disse que estava muito contente de trabalhar com ele. Rael pediu desculpas por não ter se despedido dela no dia anterior. Paula disse que não tinha nenhuma mágoa dele e o convidou para almoçar em sua casa. Rael aceitou, mas durante a manhã ficou se auto-avaliando e retrucando pelos cantos que não deveria ter aceitado.

Deu meio-dia, Paula foi até a seção onde ele trabalhava e o chamou para almoçar, ele lavou as mãos. Chegando à casa de Paula, notou que sua mãe e sua irmã estavam em casa, foi um alívio para ele, pois agora ninguém poderia comentar nada com Matcherros. Sentou à mesa. A mãe de Paula serviu carinhosamen-

te o prato do dia, uma gostosa macarronada com queijo ralado; ele comeu bem e os dois foram para a sala conversar um pouco. Lá chegando, Paula começou a falar do relacionamento dela com Matcherros, dizia o tanto que o amava, mas ele era muito frio e parecia que não a amava.

O que você viu nele? Rael ouvia Paula com muita atenção, mas em seu íntimo ele lhe fazia esta pergunta continuamente.

Paula falava sem parar de sua relação conturbada, Rael analisava os fatos em seu interior. Era verdade que Matcherros era descendente de índios e por isso era moreno, tinha um cabelo escorrido e extremamente negro, era alto e tinha uma boa aparência... Mas era totalmente superficial e muito desinformado! Como uma coisa tão linda como aquela que estava em sua frente se apaixonara por um cara daquele jeito? Matcherros dormia o dia inteiro, pois ficava jogando *Playstation* com o Narigaz, e não estava nem aí pra nada, nem pra ninguém. Rael, de certo modo, sabia que Matcherros só namorava a Paula para poder ter algo garantido, pois de vez em quando ele ficava sem catar ninguém.

E ela estava ali, linda, demonstrando em suas doces palavras que amava aquele idiota que não traria futuro nenhum para ninguém.

Finalmente o papo acabou. Paula estava quase chorando, Rael disse que ela devia se acalmar, colocou a mão em seu ombro em sinal de compreensão, Paula não hesitou e o abraçou carinhosamente e lhe disse que precisava muito de um amigo, e que Deus o havia mandado para orientá-la.

Rael estava ainda mais confuso, os dois rumaram para a firma e passaram o resto do dia a trabalhar.

Marquinhos havia vendido algodão-doce um dia antes e estava com dinheiro suficiente para chamar os manos para comer pão com mortadela e tomar tubaína.

— E aí, Fabiano, vamo lá?

— Ah, Marquinho, o que liga é a gente dá um rolê, tá ligado?

— Mas pra onde, mano? Tá mó calor da porra, e ontem eu fiquei vendendo algodão pra cacete, deixei de jogar no bar do Celso pra gente poder comer.

— Então vamos passar na casa do Burgos e chamar ele, quem sabe ele num tem mais uma grana pra ajuntar.

— Tá certo, Fabiano, vamo lá.

Andaram aproximadamente uns dez minutos e chegaram à casa de Burgos, que estava mexendo com sua aparelhagem de som. A verdade é que desde que soube que havia sido o Burgos que matara dona Maria Bolonhesa, por medo de ela o entregar à polícia, que o pessoal do bairro o ignorava, só lhe restaram poucos amigos. Ele convidou os amigos para entrar e começaram a combinar um possível rolê. Quando estavam se preparando para sair, cruzaram com Jura e o China que logo perguntaram onde seria a fita. Burgos respondeu em alto tom:

— Que porra de fita, maluco, tá entrando numas?

Jura respondeu:

— Que nada, Burgos, se liga, é que eu vi mó quadrilha formada.

— Porra nenhuma de quadrilha, mano, cê já viu o Marquinhos fazendo essas correria?

— Tá certo, tá certo, desculpa aí, mano, mas pra onde cês vão?

Fabiano respondeu, transparecendo que não estava muito satisfeito com aquela conversa toda.

— Vamo lá no Guaraci, vê se damos umas nadadas.

— Certo, então eu também vô e o Geóvas também, tem algum problema?

Marquinhos abaixou a cabeça em sinal de desânimo, pois sabia que aqueles manos eram freio de rota. Mas mesmo vendo seu jeito de insatisfeito, Burgos concordou com a ida dos manos, afinal no caso duma encrenca, quanto mais, melhor.

Foram para o ponto que ficava perto do ponto final do Jardim Comercial. Iam pegar o Parque do Lago, quando passou por eles o Opalão do Mixaria. Eles acenaram, o carro parou, o China pôs a cabeça pra fora e perguntou:

— Qual é a treta?

Burgos tomou a frente e perguntou:

— Tem o dom de dar uma carona lá pro Guaraci, que nós vai dar uns mergulhos.

China olhou para Mixaria, que balançou a cabeça afirmativamente; afinal, Burgos era conceituado e não era bom dar motivo pra treta.

Marquinhos, Fabiano, Jura, Geóvas e Burgos entraram no carro, que ficou abarrotado. Mixaria acelerou, acelerou e depois soltou o freio de mão, o Opalão deslizou e quase fez um cavalo-de-pau, as pessoas em frente ao ponto olhavam e, enquanto o Opalão sumia de suas vistas, elas comentavam que eles, com certeza, iam fazer uma correria, praticar um assalto.

Chegaram ao clube, onde os carros podiam estacionar e seriam vigiados pelos guardas, mas teriam que pagar para poder passar com o carro por ali. Marquinhos deu o dinheiro e Mixaria soltou um grande sorriso, finalmente poderia pôr seu carro num lugar seguro e, o melhor de tudo, entraria pelo clube, e não teria que passar pela lama, nem pular os arames da divisa, seu sentimento de satisfação era dividido com todos ali dentro, que se sentiram importantes e até fingiram estar falando ao celular, menos Burgos, que odiava tanto os *playboys* que não tinha coragem nem de imitá-los.

Desceram do carro, retiraram as roupas, colocaram-nas lá dentro, Jura e Geóvas estavam de sunga, e Mixaria começou a tirar um sarro, dizendo que eles iam nadar de calcinha. Todos riram, Jura ficou meio sem graça e foi correndo para a água, todos entraram e logo começaram a apostar quem atravessava. Fabiano e Marquinhos não gostavam de arriscar e preferiram ficar na mar-

gem, o resto todo saiu em disparada, rumando para o outro lado do Guaraci. Logo voltaram cansados e Mixaria começou a fuçar no carro, Marquinhos e Fabiano sabiam o que iria rolar e resolveram sair de rolê, pois não curtiam aquilo. Mixaria deu uma leda pra cada um e começou a dichavar a maconha, cada um fumou o seu e ficou a pampa, curtindo a natureza e viajando cada um com seu sonho, não sabendo que o que estava subindo ali era fumaça, mas o que certamente estava descendo era a auto-estima, que descia pelo esgoto.

China terminou de fumar e entrou na água novamente, deu algumas braçadas e seu pé enroscou em algo, veio em sua mente um galho, mas ele já estava engolindo água e puxava sua perna com toda força. Mixaria notou seu desespero na água e correu para ajudá-lo, Burgos olhou a cena e riu, estava torcendo para que ele se afogasse, assim ficaria com seu tênis e sua camisa. Mixaria deu algumas braçadas e o puxou pelo cabelo. China veio, havia se desenganchado, mas quando Mixaria o empurrou para a frente, viu que tinha algo atrás dele. Seu espanto foi enorme quando se virou, soltou um grande grito. Marquinhos e Jura se jogaram na água e puxaram os dois amigos para a margem e nem olharam para trás, pois o que os amigos haviam visto era um corpo em estado de decomposição, que já devia estar ali há dias, e só veio a boiar quando China enganchou seu pé em sua boca. O corpo devia estar preso nos galhos que ficavam no fundo do rio, pelo menos foi o que todos pensaram.

A polícia não demorou a chegar, e puxou o corpo para a margem com grande dificuldade, parecia que o homem pesava uma tonelada. Um grande número de curiosos contemplava o corpo apodrecido, mas o que mais os assustou foi perceber que na perna esquerda do falecido havia uma corrente, e nela, amarrada metade de uma tampa de bueiro.

Matcherros havia acabado de acordar e tentava tomar café, mas sua boca estava amargando. Seu irmão entrou na sala correndo e disse que havia um homem no São Bento e que todos iam ver. Matcherros perguntou se o Narigaz já havia acordado; Nandinho respondeu que ele e o Alaor já estavam lá vendo o cadáver e que tava todo mundo lá. Matcherros terminou de tomar o café e foi para o São Bento ver o morto, ficou chateado quando viu que não era na rua. Pra ter morrido dentro de casa, certamente havia sido uma parada cardíaca ou alguma doença causada pela bebida. Tinha uma fila na porta da casa do morto, e todo mundo retrucou quando Matcherros entrou na frente do Narigaz.

— E aí, o que que tá pegando aí, mano?

— Um maluco se matou por causa de uns problemas, acho que é por causa do desemprego — respondeu Narigaz.

— Se fosse assim, mano, nós tudo já tinha se matado, né não? — perguntou Alaor a Matcherros.

— Pode crê, mas e aí, como ele se matou, Narigaz?

— Se enforcou com uma corda daquelas de varal, tá ligado?

A fila estava andando, mas logo se desmanchou quando um cara saiu lá de dentro reclamando que a mãe do maluco havia retirado o corpo e o pusera na cama. A maioria das pessoas desistiu de ver o corpo; afinal, todos queriam vê-lo na força. Narigaz entrou, viu e saiu falando que daquele jeito não tinha nada a ver.

— Até cobriram o maluco com uns lençol.

— Ih! mano, eu nem vou entrar, tá ligado? É melhor a gente sair fora, pois não quero nem cruzá com os homens; do jeito que tá as coisas, é capaz de eles reconhecer a gente daquela parada da moto, tá ligado? Vamo sair fora.

Alaor e Narigaz concordaram e foram para a Vivenda das Pousadas tomar umas cervejas.

Capítulo sete

Já estava na hora de sair, e o sinal tocou durante alguns segundos. Rael estava conversando com Chapolim, Paula o chamou para ir embora. Ele se despediu do novo amigo e foi com ela. No caminho para casa Paula pediu desculpa por ter desabafado com ele, afinal ela nem o conhecia direito. Rael disse que ela poderia ficar à vontade e que sempre é bom conquistar novos amigos. Paula se sentiu grata e percebeu estar muito contente com a nova amizade, mas o bate-papo não durou muito, pois sua casa já estava bem perto. Eles se despediram.

Rael decidiu voltar e, no meio do caminho, avistou uma igreja evangélica. Rael entrou na igreja, o culto ainda estava no início, notou o livro preto que todos seguravam quase na mesma posição. Ele viu a atenção dos irmãos e, embora tivesse sido freqüentador de uma igreja católica, tentou respeitá-los, pois sabia que ali estavam protegidos, guardados do holocausto, do inferno verdadeiro e diário, ou pelo menos se escondendo temporariamente dele. Rael fechou os olhos e tentou orar, mas não conseguiu. Ele viu tudo errado, o pai que degolou o filho em um momento de loucura química, a mãe que fugiu e deixou três filhos, a grande manipulação da mídia que elege e derruba quem quer, a forte pressão psicológica imposta pela família, o preconceito racial, o pastor que em três anos ficou rico, o vereador que se elegeu e não voltou para dar satisfação, o dono de banco que recebe ajuda do governo e tem um helicóptero, os empresários coniventes, covardes, que vivem da miséria alheia, a mulher grávida

que reside no quarto de empregada, o senhor que devia estar aposentado e arrasta carroça, concorrendo no trânsito com carros importados que são pilotados por parasitas, o operário da fábrica que chegou atrasado e é esculachado, o balconista que subiu de cargo e perdeu a humildade, o motorista armado, o falso artista que não faz porra nenhuma e é um viado egocêntrico e milionário, o sangue de Zumbi que hoje não é honrado. Rael não conseguiu rezar, pois no bairro a lei da sobrevivência é regida pelo pecado; o prazer dos pivetes em efetuar um disparo, a palavra revolução, a necessidade de ação, mais de 200 mil revoltados que não estão enganados. Rael percebeu que aquele mesmo menino que pedira tantas vezes uma colher em sua porta pra queimar um bagulho, agora rezava para alguém a colocar debaixo de sua língua para que ele pudesse sobreviver. Rael tentou se concentrar em Deus, mas pensou no que seria o céu... teria periferia lá? E Deus? Seria da mansão dos patrões ou viveria na senzala? Ele entendeu que tá tudo errado, a porra toda tá errada, o céu que mostram é elitizado, o Deus onipotente e cruel que eles escondem matou milhões; tá na Bíblia, tá lá, pensava Rael, mas apresentam Jesus como sendo um cara loiro. Que porra é essa, que padrão é esse? Rael chegou à conclusão mais óbvia: aqui é o inferno, onde pagamos e estamos pagando, aqui é o inferno de algum outro lugar e desde o quilombo a gente paga, nada mudou. Ele se levantou e resolveu não mais respeitar aquela porra, ele sempre desconfiou que os crentes são cheios de querer, que eles te olham como se você estivesse queimando. Eles tão tudo salvo, mas a gente não.

Vagou pela rua e lhe vieram várias lembranças, lembranças daquele pastor que esfaqueou um homem morro acima: o homem gritava e se retorcia, os golpes eram fortes e seguidos, o pastor fazia força e o homem ia recuando, subindo o morro, a faca perfurava órgãos internos, o homem era um boneco, caiu no chão frio. A dor do pastor? Uma paixão, o amor de sua filha. Rael sabia da história, a filha pura do homem de Deus e o escravo do *crack* jun-

tos, unidos, nus no ato de amor divino. Rael tentou parar de raciocinar, tentou parar de pensar, tava tudo errado, a porra toda tava errada. Tudo.

Resolveu pegar um ônibus para voltar, ficou esperando no ponto, que estava cheio como sempre. Encontrou Capachão, começaram a conversar e o amigo lhe disse que logo seria chamado para entrar na academia do Barro Branco, onde seria treinado para, se Deus quisesse, em breve tornar-se policial. Rael se sentiu orgulhoso do amigo, pois a maioria dos demais não queria nada com nada. Durante a conversa começaram a falar de literatura e Capachão lhe contou que, a pedido da professora, estava lendo um livro dum cara chamado Drummond. Rael teve vontade de ler também. Se despediram e Rael pegou o ônibus. Alguns minutos depois chegou em casa e, para seu espanto, Matcherros o estava esperando.

Em seu íntimo Rael se sentiu como um traidor pelos pensamentos que tinha. Pensava em Paula constantemente, mas sabia que ali traição era resolvida a bala, tinha que saber tratar o amigo para que não desconfiasse.

— E aí, seu vagabundo! Tá me esperando há muito tempo?

— Que nada, Rael, eu cheguei há pouco e fiquei conversando com sua mãe, ela até fez um café fresco.

— Tá certo, eu vou beber um pouco também... e o pessoal lá, tá tudo a pampa?

— Tamos indo, mas eu vim aqui pra falar com você sobre a Paula.

Rael, ao ouvir aquele nome, quase teve um ataque cardíaco, mas manteve a pose e perguntou:

— Por que falar da Paula?

— Sabe o que é, Rael, eu num tô mais a fim dela, tô com outra mina da hora e queria saber se ela gosta mesmo de mim, ou se aceitaria fácil eu largar ela assim, tá ligado?

— É, cara, eu num sei não. Pelo que ela me fala, deve gostar muito de você.

— Droga, é foda mesmo... a mina tá engordando, não se cuida mais e eu tenho que ficar com ela, dá licença!

— Ei, Matcherros, não é por aí não, meu. A mina é mó gente e muito bonita e não merece ser tratada assim. — Após concluir a frase, se sentiu mal, pois poderia estar transparecendo algo. Logo a resposta de Matcherros veio, e ele percebeu que o amigo nada notara.

— Eu sei, cara, mas eu não queria mais ficar amarrado com ninguém, e sabe de uma coisa? Logo, logo eu vou terminar com ela, num vou ficar com alguém que eu não gosto mais.

— Bom, mas aí é você que decide, mano, eu não posso fazer nada, chega nela e explica a situação.

— Você pode fazer sim, amigo. Fica de olho lá na firma, se ela se interessar por alguém, pelo menos um pouquinho, você me conta que eu vou ter o motivo pra terminar tudo.

— Num sei não, Matcherros, acho que é embaçado fazer isso, eu considero ela e você.

— Ah! meu, dá um toque, só isso; me dá um toque quando você achar um motivo, assim ela não vai ficar no meu pé e nem sofrer muito, tá ligado?

— Está certo, eu aviso, mas vê se chega na moral com a mina, Matcherros, a mina é de responsa.

Matcherros colocou o copo em cima da mesa e se despediu. Rael acompanhou o amigo até a porta, saiu pra rua e viu que as crianças estavam brincando de pega-pega. Sentou na calçada e, vendo o amigo se afastar, começou a pensar: uma luz havia surgido no fim do túnel, e por um milagre Paula estaria livre e desimpedia. Resolveu entrar, pegou um pedaço de papel higiênico no banheiro, foi até a pia, molhou uma ponta do papel e começou a limpar os óculos, foi para a sala e ligou a televisão. Como não estava passando nada que prestasse, foi ao quarto de sua mãe e a viu

dormindo, seu pai estava no chão ao lado da cama, totalmente sujo. Ele tentou entender como um homem pode perder todo o caráter diante do álcool, mas decidiu não pensar nisso, não iria perder seu tempo novamente, pegou algumas revistas em quadrinhos, sentou à beira da cama e começou a entrar nas histórias de Garth Ennis, seu autor favorito. Leu algumas páginas, mas quando o pastor estava para matar os anjos rebeldes, ele dormiu.

Capítulo oito

Rael chegou ao serviço cedo e a primeira pessoa que viu foi a Paula. Estava radiante, de calça *jeans* e uma camiseta branca, de onde transparecia um lindo sutiã rosa. Rael lhe deu um beijo e os dois entraram na metalúrgica.

Na hora do almoço se encontraram novamente e combinaram de voltar juntos.

O sinal ecoou como um grito de liberdade. Rael correu para o banheiro, lavou o rosto, trocou de roupa, retirou o boné todo coberto de tinta em pó, penteou os cabelos e saiu todo contente. A felicidade estava no ar, e Rael não conseguia escondê-la. Aguardou na porta por alguns instantes e Paula chegou esboçando um grande sorriso, os dois desceram a ladeira quase colados um no outro. Rael deu a idéia de ambos irem de ônibus, pois naquele dia havia trabalhado em pé, pendurando as peças e as forneando. Paula não hesitou, e pegaram o primeiro ônibus que passou. Logo que adentraram o ônibus, Paula disse que estava com fome, e que há muito chamava Matcherros para irem ao Esfiha Chic, mas ele sempre tinha uma desculpa. Rael não hesitou nem um minuto e a convidou para irem lá. Ela ficou pensativa mas aceitou, já que o ônibus que pegaram passava por lá.

Desceram em frente ao Esfiha, entraram, escolheram uma mesa e logo fizeram o pedido. Alguns minutos depois estavam comendo; Paula, enquanto comia, comentava que Matcherros não tinha nada a ver com Rael, pois não gostava de sair, e sempre estava melancólico e parado, enquanto o amigo era agitado, falava

muito e ria constantemente. Rael agradeceu o elogio, mas defendeu o amigo dizendo que ele estava numa situação difícil, pois já não trabalhava havia muito tempo; Paula retrucou dizendo que *videogame* não daria emprego para ele nunca. Resolveram mudar de assunto e começaram a falar da empresa; enquanto Rael molhava suas batatas no suco de Paula, ela ria sem parar chamando-o de louco e dizendo que nunca conheceu alguém que gostasse de batatas com suco de melão. Rael fez uma expressão de malícia e disse que estava fazendo aquilo só para ela rir. Os dois terminaram o lanche e foram para o ponto, Paula pediu a mão de Rael, que estranhou. Ela disse:

— Me dá sua mão aqui, seu bobo.

Ele levantou a mão vagarosamente; ela pegou seu dedo mindinho e o encaixou no seu, dizendo que era um gesto de amizade e que Rael era uma ótima pessoa. Rael ficou muito tenso, afinal alguém poderia passar e o ver quase de mãos dadas com a namorada de seu melhor amigo. Mas felizmente o ônibus não demorou a passar e eles chegaram à área. Despediram-se com um leve beijo no rosto.

Rael chegou em casa com mil e um pensamentos e não conseguiu dormir naquela noite, não sabia mais o que fazer, estava em sua mente somente a lembrança dos olhos de Paula, o brilho de seu sorriso e a embriaguez de seu corpo, que para ele era a coisa mais perfeita do mundo.

Jura, China, Mixaria e Burgos estavam tomando cerveja em frente ao Bar do Polícia, e quando avistaram Geóvas pegando uma lata de Coca-Cola do chão, se ligaram que o mano ia fumar pedra. Começaram, então, a comentar o futuro do maluco. Ratinho chegou à banca e ouviu os comentários sobre Geóvas e disse que ele já tava vacilando e que roubara o botijão de gás da dona Ize. Burgos se irritou e disse que não adiantava o Ratinho agitar

encrenca, que ele tava a pampa e começou a falar muito nervoso, quase chorando.

— Mano, eu já tô cheio dessas tretas, tá ligado? Se ele que robá os vizinho, que se foda, que alguém tome as dor e suba ele, tá ligado? Eu quero só curtir, mano.

Mixaria, estranhando o desabafo de Burgos, perguntou por que ele estava daquele jeito, Burgos respondeu rapidamente, sob os olhares atentos dos companheiros, que nunca o haviam visto daquele jeito.

— Tá foda, mano, sabe aquele mano que nós subiu lá perto da balsa, no Grajaú?

China foi o único que respondeu.

— Sei sim, o maluco que cagüetou nós pros homi.

— É esse mesmo, mano, eu tô sonhando com ele direto, no sonho ele vem e pega na minha mão, vai me arrastando e tem uma luz vermelha atrás dele. É mó assombro mano, e toda manhã quando eu acordo eu sinto um puta cheiro de queimado, a gente não devia ter queimado ele não, mano.

Jura e China desde pequenos tinham um grande medo desses assuntos, quando faziam fogueira com os outros manos, quando alguém começava a contar histórias estranhas, eles logo saíam fora. E foi o que fizeram, só esperaram Burgos terminar, por medo de que ele ficasse bravo com a saída deles. Mesmo assim, Burgos notou quando eles largaram os copos e saíram de fininho, e comentou com Ratinho:

— Cambada de comédias, o maluco me persegue e é eles que sai fora com medo, num é foda?

— Pode crê — respondeu Ratinho, contendo o medo que também sentia em relação ao fato.

Capítulo nove

A alguns metros dali, Val falava alto e esboçava gestos de briga, enquanto seu ouvinte tentava acalmar a situação, pois sabia que o bicho podia pegar até pra ele.

— É, mano, cê tá ligado? Eu gosto do bagulho, cê tá ligado? Mas eu não posso usar, se pudesse... mas não posso, tá ligado? Tenho dois filho pra criar, agora o cara leva meu lucro, chega pedindo na nóia dizendo assim: Ei, Val, qualé meu, te pago na sexta-feira, juro. E depois, qué dá uma di migué, tô na aba do viado, faz mó cara, desde o começo da festa. Meu mino, o Dinei, já disse: deixa que eu resolvo a parada, Valquíria. Aí eu liguei que a parada é minha. Eu vendi, eu resolvo, morô? Se num pagá hoje, que por acaso é sexta-feira, eu deito ele, mano, é meu lucro, morô? Eu num consumi pra levá o leite pros piveti, e o viado curtiu o bagulho, num pagou, é safado, num tem idéia! Ó lá ele ali, é aquele de jaqueta verde! Curtiu o bagulho e agora num qué dá meu lucro, cinco real, morô? Era meu ganho, mas o viado queimou ele; eu tô loca pra consumi, só goró num age mais, mas num tenho como. O Dinei qué resolver, mas a parada é minha! Ó lá! Pegou outra cerva, num é sacanagem, mano? Pô, tô dependendo do cara.

— Deixa quieto, Val, num vale nem uma bala, cê tá muito agitada, deixa quieto.

— Que nada, mano, eu vou lá e cê vai vê, vô metê a mão na cara dele! Homi que é homi não apanha na cara, ainda mais de muié, se reagi tá fudido, vai sentá no colo do capeta.

— Não, meu, tem muita gente, e ainda aqui no Bar do Polícia é embaçado, Val. Faz o seguinte: pega na quebrada, Val! Val! Deixa quieto, ô Val...

— Ai! Maluco! Toma na cara e segura isso aqui, ó! Viado do caralho.

— Val!

Burgos se jogou atrás de um fusca e sacou seu oitão, mas ficou na moral quando percebeu que ninguém tinha mandado em cima dele, era treta com outra pessoa. Colocou na cinta e chamou o China pra sair fora, o corre-corre já era generalizado, e eles viram vários manos sacando, sabiam que o bicho ia pegar. Correram pra Cohab do Jânio e desceram pelo morrão, pularam o muro do José Olímpio e desceram pra favela, foram pro barraco do Ratinho pra ver se ele já tinha chegado lá. Bateram na porta e Jura abriu segurando uma 12. Burgos disse que estava tudo bem e que a treta era da Val e de um mano lá da Cohab. Ratinho estava na mesa e pediu que entrassem, pois precisavam endolar o esquema pra vender num *show* de *rock* que teria lá no Pacaembu. As caixas de sorvete haviam sido roubadas alguns dias antes e o disfarce já estava bolado, Burgos ficou ganhando a esperteza de Ratinho e disse:

— Você é foda mesmo, mano, vai todo mundo de sorveteiro vendê os bagulho?

— Claro truta, cê já viu polícia batendo geral em sorveteiro? E nós pode passá pelas filas de espera nos portões com mó moral, tá ligado?

Todos começaram a rir e Ratinho, pra comemorar, separou alguns fininhos para todos fumarem.

— Nossa, Paula, esse ônibus está demorando hoje – disse Rael fitando-a nos olhos.

— É, realmente hoje ele tá demorando mais que os outros dias... mas tem problema não, é melhor que a gente fica junto mais tempo — respondeu Paula com olhar de menina travessa.

Rael percebeu que o momento estava propício e resolveu puxar um papo mais incomum, perguntando a Paula por que toda mulher tem um ponto fraco.

— Sei lá, só sei que é verdade Rael, toda mulher tem um ponto fraco mesmo; mas elas nunca revelam, o homem é que tem que descobrir.

— É, mas o seu eu nem tenho que tentar descobrir, porque eu já sei.

— Ah, até parece que sabe! — respondeu Paula soltando uma grande gargalhada.

Eles estavam sozinhos no ponto de ônibus, e Rael se ligou que aquela era a hora certa de atacar: falou rapidamente para ela olhar para o lado; ela virou-se e olhou curiosa, ele levantou seu sedoso cabelo negro e deu uma leve mordida em seu pescoço angelical. Paula se contraiu e, sem dizer uma palavra, fitou o amigo seriamente. Nesse olhar Rael captou algo estranho. Ela continuou a olhar e, num gesto inesperado, o puxou, segurou em sua nuca e lhe deu o beijo mais gostoso e ardente de toda sua vida. O amigo respondeu à altura e se sentiu satisfeito com a demora do beijo.

Os dois só resolveram parar quando escutaram o barulho do ônibus se aproximando. Deram sinal e entraram, ambos tinham um ar de tranquilidade e satisfação, parecia que uma grande muralha havia se quebrado, e que ambos eram os idealizadores do projeto.

Alguns pontos à frente um homem deu sinal e, quando subia os primeiros degraus, jogou uma ponta de cigarro no chão e a apagou com um pisão de sua bota escurecida pela sujeira. O homem passou pela catraca e encarou o cobrador, dando-lhe um

pedaço de papel que substitui o dinheiro. Foi para o último banco do lado esquerdo, 2 metros após o eixo traseiro, ficando bem perto do calor do motor.

Parecia vislumbrar algo que há muito não via. Sentia-se importunado pelo som do motor do veículo que a cada ponto recolhia mais passageiros pela porta da frente. O motorista nunca olha nos olhos de nenhum deles.

Os pensamentos do homem o transportavam a algo real e persistente. Caminhos em círculo. Paranóia do cotidiano. O homem só, ali no canto, classifica a si próprio como um louco e a vida como louca. Sua consciência em jogo. Sentia-se preso, embora estivesse em liberdade. Há pouco ele invadira a casa de um *playboy* nos Jardins. Agora, no ônibus periférico rumando para casa, a visão era outra. As casas iam aparecendo, uma após a outra, sempre mal-acabadas. O homem sabe que alguns poucos homens mandam no resto dos outros homens, o homem conversava com sua própria consciência.

Paula do lado de Rael, encostada, sabia em seu íntimo que o que estava acontecendo era loucura.

No caminho, quase nenhuma palavra; a única conversa que tiveram foi curta e sobre um acidente de ônibus ocorrido dias antes. Rael sempre se recordava das frases ditas pelos seus amigos. “Primeira lei da favela, parágrafo único: nunca cante a mina de um aliado, se não vai subir.”

Terceira parte

Se eu quero, eu posso, eu sou

É óbvio, nós sabemos quais são as carências daqui, mas muitos não fazem a correria para que isso se reverta. As armadilhas estão armadas há tempos, algumas já utilizadas, nós as enxergamos e podemos desativá-las. Basta acreditar que a revolução começa a princípio em cada um de nós. Se eu quero, eu posso, eu sou. Abraçe essa idéia de um modo positivo.

Periferia é tudo igual, não importa o lugar: Zona Oeste, Leste, Norte ou Sul. Não importa se é no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Brasília ou em São Paulo. Enfim, seja lá qual for o lugar, sempre serão os mesmos problemas que desqualificam o povo + pobre, moradores de casas amontoadas umas em cima das outras.

Mas e aí? Fazer o quê? Como diz o Tim:

— Ah! se o mundo inteiro me pudesse ouvir...

Mas como todos nós sabemos que é muito difícil fazer com que o mundo inteiro nos ouça, nós mandamos um toque daqui, do nosso canto; de onde Deus escolheu para ser um lugar em que nem tudo dá certo, um lugar em que você pode perder a vida num piscar de olhos, um lugar que é considerado o Pecado das periferias, um lugar chamado Capão Redondo!

O nosso lugar, descubra-o.

Paz!

Outraversão

Capítulo dez

Não se despediram. Rael pensou que aquilo não devia ter acontecido e que ela nunca mais iria falar com ele. Estava totalmente enganado, pois no outro dia, logo pela manhã na metalúrgica, Paula chegou e lhe deu um beijo no rosto e sussurrou em seu ouvido:

— Até a tarde, meu vampirinho.

Zeca notou que Rael estava muito calado e resolveu puxar papo com o amigo. Perguntou se estava acontecendo algo, e com a negativa rápida e precisa de Rael, decidiu começar a contar suas vantagens, como sempre. Rael o fitou nos olhos e disse que não estava muito pra conversa, mas Zeca é daqueles que nem dão tempo pra explicação e começou a falar:

— Mano! Cê precisa vê, catamos a Fátima ontem e levamos lá pro Doce Mel.

Rael não estava a fim de ouvir aquela conversa, mas sabia que não tinha como fugir do amigo de trabalho e resolveu perguntar:

— Catamos? Com quantos ela foi ontem?

— Vixe, ladrão! Ela foi comigo, com o Pássaro e com o Amarelos.

— Nossa, que piranha, mano! E ela rendeu pra todo mundo assim na maior?

— Que nada, mano. Eu catei primeiro e ela deixou eu dar uma colocada, mas não deu nem chance de eu tentar gozar, tá ligado? Ela tem mó medo, eu até tentei chavecar, mas ela teve que batê uma pra mim, pra completar o serviço.

— E os outros manos, o Pássaro e o Amarelos, ficaram na seca?

— Que nada, truta! Ela fez um boquete pros dois, e o Amarelos até gozou na cara da vadia.

— Cês são foda, hein, mano, puta que pariu! Precisa tirar a mina assim?

— Que se foda. Cê sabia que ela foi mina do Jacaré?

— Qual Jacaré?

— Se liga, Rael, aquele que bateu com a moto de frente com a moto de um mano lá da Cohab.

— Ah! Sei, já sei. Ele tava bem louco, tava bebendo altas brejas no Saldanha e tava vindo bem chapado pra cá, entrou na contramão e bateu de frente com o maluco, né?

— Bom, é o que os manos tão dizendo, mas o que ele me falou é que, quando ele jogou a moto pra esquerda, o maluco jogou também, tá ligado?

— É, mas ele perdeu toda a razão quando fugiu e abandonou a moto lá. Também; e o medo de ter que pegar cana por causa da mina do cara..

— Certo! Mas agora a situação dele é pior, pois os manos da Cohab querem subir ele, e a polícia tá atrás dele por homicídio, já que a mina tava grávida e acabou morrendo.

— Agora, na moral, Zeca, deixa eu trampar em paz, falou?

— Tá, tá bom nervosinho, depois nós troca mais umas idéias.

Com o final do expediente Rael saiu da metalúrgica e Paula veio atrás. Ele fingiu não vê-la, pois estava meio envergonhado pelo que havia acontecido, embora uma coisa lá no fundo lhe pedisse que parasse imediatamente. Ela o alcançou e logo lhe fez uma pergunta.

— E aí, Rael, como dormiu ontem, hein?

— Bem, mais ou menos bem, por quê?

— Porque eu não dormi bem. Sabe, pensei bem e o que fizemos foi uma coisa estranha; eu gosto do Matcherros e não sei por que fiz aquilo.

— Olha, Paula, eu também não sei o que aconteceu, só sei que pra mim foi bom, mas o Matcherros é um ótimo amigo e estou me sentindo culpado.

— É, é bom você se sentir culpado mesmo, pois foi você que provocou tudo. Por que você tinha que morder meu pescoço?

— Você reclama agora, mas naqueles papos de ponto fraco, Paula, eu sabia da sua fascinação por vampiros. Cê usa até chaveiro, e bem que você gostou, não é, Paula?

— Mas isso não interessa. O que está feito, está feito, e agora a gente tem que tomar cuidado para não dar na cara. Não é, meu vampirinho?

— O que você quer dizer com isso? Será que eu tô entendendo direito? Você quer continuar com isso?

— Claro que sim, ou você acha que tenho que ser fiel ao Matcherros? Ele não me valoriza e, embora goste dele, quero me sentir como uma vítima sua de novo.

Com aquela resposta Rael não teve mais dúvidas. Eles se aproximavam da casa de Paula, e sem hesitar Rael pegou em sua mão e a puxou para perto de si. Ela ficou aparentemente espantada, mas na verdade já esperava por aquele ato. Ele a envolveu com seus braços e lhe deu um longo beijo; ambos, ao término do beijo, estavam quentíssimos e com uma bitoca se despediram. O elo dos amantes não era mais iminente e sim real.

Rael chegou em casa ainda meio tonto. Não sabia o que faria de sua vida; não sabia se pensava na consideração pelo amigo ou naquele estranho amor, mas sabia que ela não o amava. De algum jeito ele teria que resolver a situação. Logo ao entrar recebeu um beijo de sua mãe, que ainda estava com as roupas do serviço.

Olhava a figura de sua doce mãe se dirigir ao fogão e girar o botão do fogareiro: o feijão estava pronto e o arroz seria o resto de ontem. Ela logo fez seu prato carinhosamente: arroz, feijão e mandioquinha frita. Rael começou a comer e, pensativo, chegou à conclusão de que, no serviço de sua mãe, ela não deveria passar de uma dona Maria qualquer; aquela que cozinha bem, que trata dos filhos dos outros bem, mas que dificilmente teria seu nome lembrado pela família que tanto explora seus serviços. E, num futuro certo e premeditado, aqueles garotinhos que ela ajudava a criar e a alimentar seriam grandes empresários como o pai, e com certeza os netos daquela simples dona Maria seriam seus empregados mal assalariados e condenados a uma vida medíocre.

Terminou de comer, pegou uma revista do Justiceiro e, após algumas páginas, já estava dormindo.

Só acordou às quatro da manhã. Acordou mas não levantou, os disparos continuaram ainda por muito tempo e ele já tinha idéia de como seriam os comentários pela manhã. Tentou dormir, não conseguiu, não antes de rezar para que Deus protegesse os seus e que aqueles tiros que vararam a madrugada não tivessem atingido nenhuma pessoa inocente. Meia hora depois voltou a despertar assustado, dessa vez escutava gemidos, correu para a cozinha e não avistou ninguém, correu para o quartinho de sua mãe e não gostou do que viu: dona Maria estava no chão com as mãos postas sobre o estômago. Ele já sabia o que era e pediu a ela que aguardasse um pouco; foi para a cozinha e rapidamente preparou um chá. Colocou suavemente em sua boca e a pôs cuidadosamente na cama. Dona Maria aquietou-se, mas ele sabia que a dor ainda não tinha acabado.

Um novo dia. Rael levantou da cama rapidamente e gritou:

— Bom-dia, Capão! Bom-dia, Vietnã!

Tomou café. Sua mãe estava mais disposta e já havia saído, deixando avisado em um bilhete na mesa que estava na feira.

Rael chegou à metalúrgica, cumprimentou Zeca e Cuba que já estavam na porta, e os amigos lhe falaram com muita euforia do acampamento que haviam feito. Pelo jeito que narraram a aventura, pareceu que o South e o Narigaz beberam muito e aprontaram mais que os outros, como sempre.

Logo chegou o Chapolim, e a Paula veio logo atrás. Eles se cumprimentaram e esperaram por seu Oscar, o dono da firma, que demoraria mais alguns minutos. Tardou mas não falhou: estacionou o Corsa rapidamente, disse um bom-dia eufórico para os funcionários e abriu o escritório, ligando as máquinas. Todos começaram a organizar o local para mais um dia de trabalho. Rael já tinha a consciência de que muito teria a aprender ainda, mas que os primeiros dias, que são sempre os piores em qualquer trabalho, já haviam passado, e que agora teria que tocar a bola pra frente.

Na sua cabeça lhe veio o pensamento da querida mãe, e ele tomou a decisão de no final do mês comprar um presentinho para ela. Talvez um vestidinho ou um sapatinho, bem humilde mesmo, pois sua mãe não gostava de nada que fosse luxuoso, não se sentia à vontade. Ele continuou pensando em vários assuntos enquanto trabalhava, até que foi interrompido por Zeca.

— E aí, mano, como vai?

— Tudo bem, Zeca. Vou bem, só minha mãe que não está muito bem.

— Por quê? O que aconteceu com dona Maria?

— Ela tá com aquela dor de novo, tá ligado? E os médicos num sabe o que é!

— Que pena, hein! Ela é tão legal; não merece isso.

— Pois é, mas já tá melhor. Ela tomou um chá e melhorou.

— Tá certo; mas mudando de assunto, você tá mesmo lendo direto, é?

— Bom, eu leio quase todo dia mesmo.

— É, Rael, o Matcheros que me disse, ele ainda ligou que você pode ficar meio xarope de tanto lê.

— Caralho! Que exagero da porra, esse Matcherros filho de uma porca é um fofoqueiro da porra, meu.

— É, ele tava comentando, tá ligado? Mas cê sabe que ele leva tudo na zueira.

— Sabe, Zeca, o que me preocupa no Matcherros é essas idéias dele se envolvê com os malucos que busca moto, tá ligado?

— Ele devia colá com os caras lá do Fundão, que é mais da paz.

— Pois é, truta, ele tava indo lá direto, tava pegando mó consideração, desconversou e nunca mais voltou lá!

— Desconversou de alegre, porque é só mano firmeza que cola ali, é subindo a Sabin, tá ligado? Tem uma pá de mano ali que procede, afinal, respeito ali é a lei.

— Certo, mano, é lá que cola os *rappers* aqui da Sul, né não?

— Eu tô sabendo que cola principalmente o Brown, tá ligado? E os outros manos que cola lá é os caras do Tref e do Negrodo, fica mó banca lá no murão.

— Então! E o maluco num qué ter companhia boa? Deixa ele choque, cada cabeça seu guia.

— Certo! Agora deixa eu lixar essas peças pra poder o Chapolim fazer a pintura a pó.

— Falou, truta! Depois nós troca mais umas idéias.

Zeca subiu para o segundo andar e começou a ajudar o Cuba a passar as peças nos ácidos; o dia passou rapidamente e Rael bateu o cartão e desceu para casa. Não olhou para trás em nenhum momento, pois tinha medo de que Paula viesse logo atrás, e se viesse não conseguiria com certeza evitá-la, teria que falar com ela. Chegou em casa, almoçou, falou um pouco com sua mãe sobre os fatos acontecidos na firma e saiu para encontrar os amigos na viela, mas Narigaz e o Alaor haviam saído e no poste só estava o Cebola e o Amaral. Chegou a cumprimentar os trutas, Cebola foi

lhe perguntando como tinha sido o dia de serviço, Rael respondeu que tinha sido como os demais dias, sem novidade.

— É, pelo menos você tá trampando, né, Rael?

Com essa afirmativa, Rael se lembrou da situação do amigo e perguntou:

— E aí, Amaral, e os trampos?

— Ah! Tá foda, meu, tô procurando toda segunda e terça, mas tá uma dificuldade de fazê uma ficha que só você vendo, mano.

— Eu imagino, mano, esse governo fodeu todo mundo mesmo. Pra você vê, de todos os caras que têm aqui, só quem tá trabalhando é o seu irmão e o Cebola, que trabalha no Bob's.

Cebola entrou na conversa.

— É, eu também tô procurando trampo por fora, Rael, afinal o Bob's paga mó mixaria, mano, e lá em casa só tem o dinheiro da aposentadoria do meu pai, porque aquele bosta do meu tio, o Carimbê, num presta pra nada, só fica nos bar bebendo uma cana da porra.

— Mas, Cebola, o Carimbê num tava ajudando a construir sua casa? — perguntou Rael.

— Num tá fazendo mais que a obrigação dele, e eu avisei que tá o maior boato que os caras da Prefeitura vão derrubar essa porra, mas ele é teimoso e disse que vai fazê um sobrado bem louco pra meu pai ter mais conforto.

Amaral resolveu dar sua opinião.

— Bom, cada um na sua, né? Ele também não deve ficar esperando os homens decidirem, esse boato tá rolando mó cara. Lá em casa o Panetone tá reformando o banheiro e passando massa fina na sala e, apesar de tudo, temos que melhorar.

— É, tá certo mesmo, eu também tenho que fazer uma reforma lá em casa; mas o dinheiro da metalúrgica num dá pra nada.

— Mas, Rael, eu ouvi falá que lá paga um dinheiro bom.

— Cê tá louco, Amaral, cê acha que salário de microempresa é bom? Nem na China, tô tendo que fazer um monte de hora extra pra poder ajudar em casa.

— Mas é assim mesmo, a situação tá difícil pra todo mundo. Por falar nisso, eu vou lá em casa esquentá a janta, minha mãe e o Panetone tão quase chegando, e eles falam um monte se eu num preparar a comida.

— Falou, mano, eu também vou sair fora, falou aí, Cebola.

— Falou aí, Rael, depois nós troca idéia.

Rael se retirou, pois estava garoando. As pessoas que antes estavam na viela já tinham entrado e os poucos que ficaram na rua já estavam dentro dos bares. Rael andava apressadamente e preocupado, pois o tempo esfriara rápido, e quem não tem casa com laje fica ferrado, pois o frio entra pelos buracos e detona qualquer um. Rael pensava em sua mãe, que além de tudo tinha problema de reumatismo, e iria passar mais uma noite de dor, pois com o tempo frio os ossos dela doíam de uma dor imensa. Chegou em casa, entrou, e lá dentro estava pior do que lá fora, um frio miserável. Sua mãe já estava dormindo, ele notou que ela estava embrulhada com uma só coberta, e foi conferir o que já tinha como certeza. Teve vontade de chorar: sua cama estava arrumada, com uma coberta servindo de lençol e duas para ele se embrulhar. Desde pequeno sua mãe fazia isso, era um jeito de esquentar seu querido filho. Rael pegou a coberta mais grossa, foi para o quarto e embrulhou cuidadosamente dona Maria. Notou que a pessoa que lhe dava de tudo tremia de frio e que estava com os dentes em pequenos movimentos fazendo um som baixinho, um som estranho, de agonia, de dor. Foi para seu quarto, apagou a luz e deitou, mas, antes de dormir, Rael se lembrou da família dos Pereiras que, em uma noite fria, decidiu acender um monte de carvão para aquecer a casa e foi dormir. A mãe, o pai e os dois filhos amanheceram mortos, asfixiados.

Capítulo onze

Um novo dia começara e Rael não conseguiu levantar quando percebeu que estava com duas cobertas, incluindo aquela que ele tinha dado à sua mãe na noite anterior. Ele não conseguiu levantar imediatamente, pois teve novamente vontade de chorar. Virou de bruços e chorou como uma criança. Mais uma prova de amor de sua mãe, mais uma vez ela levantara de madrugada, o embrulhara com seu cobertor e ficara dormindo no frio.

Ficou deitado por mais alguns minutos e resolveu levantar, pois tinha que ir para a metalúrgica. O que estava presente a todo momento em seu pensamento não era o serviço, e sim Paula. Ele não conseguia esquecer aquele beijo, fora a coisa mais fantástica que lhe acontecera; mas e Matcheros? Quando esse nome lhe vinha à cabeça, ficava mais pensativo ainda. Resolveu tomar um banho. Esquentou água, pois o chuveiro estava quebrado, e tomou um demorado banho de canequinha. Preparou sua roupa de serviço e desceu a ladeira com um peso nos ombros.

Trabalhou o dia todo; tentou vê-la, mas não conseguiu, o Chapolim já estava desconfiando de tanto vê-lo andando pelos corredores. Foi para casa cabisbaixo e, quando desceu pela rua da feira de domingo, viu que tinha alguém na porta de sua casa. Não demorou muito para notar que era uma figura feminina, e quanto mais se aproximava, mais seu coração disparava.

— Paula! O que está fazendo aqui e a essa hora?

— Tive que faltar hoje, meu vampirinho, e eu quero falar com você.

Ele olhou para os lados, averiguando se alguém os estava observando, pensou rapidamente e a chamou para entrar. Ela aceitou. Sua mãe já estava dormindo, ele a levou para seu pequeno quarto, acendeu a luz e se sentaram na cama.

— O que você quer conversar, hein?

— Sabe, Rael, é que eu estava com saudade, eu não te vi ontem e queria saber como vamos ficar.

— Bom, como vamos ficar? Eu nem sei o que estamos fazendo, você não gosta do Matcherros?

— Gosto, mas sei lá, é estranho... vem cá.

Ela o agarrou e o beijou com uma vontade desenfreada. Ele não demorou muito a morder-lhe o pescoço, ela ficou doida e ofegava alto, ele percebeu as mãos da provocante fêmea lhe alisarem a coxa e começou a passar as mãos delicadamente em seus seios formosos e fartos. Notou que o bico era imenso e começou a acariciá-lo. Abriu os olhos para ver a expressão de sua parceira de traição e a paisagem vista em seu rosto era linda, quente, avermelhada. Só percebeu que a garota estava com um provocante vestidinho de seda branca quando o tirou, e em poucos segundos estava de joelhos, com a metade do seio de Paula em sua boca. Sentia com a ponta da língua que o bico estava rígido, ela se retorcia e descia e subia suas imensas unhas nas costas de Rael, que rapidamente retirou a camisa e a calça, voltando a agarrá-la sem deixá-la nem pensar no que estava acontecendo; os dois eram simplesmente o descontrole total. Rael terminou de lambe seus seios e desceu rapidamente para o umbigo, mordeu-lhe a barriguinha várias vezes e abaixou sua calcinha branca. Ela tentou erguer sua cabeça, mas não conseguiu, ele lhe propôs um prazer indescritível, ela estava suando e pedia uma penetração rápida e desenfreada, mas ele se levantou e pôs a mão em seus ombros ordenando que ela se abaixasse. Ela não concordou de imediato, mas ele insistiu, a forçando para baixo; de cima ele via sua nudez bela e embriagante.

Abaixou a samba-canção que estava usando, e pôde ver aqueles lindos lábios em outra parte de seu corpo. Paula se embaraçou no começo, mas acabou fazendo coisas maravilhosas, parecia que estava acostumada há muito com aquilo, e brincava com a glândula do parceiro. Ela notou que logo ele iria ejacular e começou a acariciá-lo e empurrá-lo para trás, ela ainda tentou recuar na hora da ejaculação, mas Rael apoiava sua cabeça com as duas mãos e ela não podia fugir do que ele desejava fazê-la sentir. Levantou furiosa e se sentindo meio enjoada, mas Rael não a deixou proferir nenhuma palavra e a virou de costas colocando o membro ainda úmido em sua vagina, que transbordava em descomunal calor e umidade. Ela sentiu que ele era bruto na penetração mas gostou, nunca sentira nada assim, ele a penetrava com imenso gosto, puxando seu cabelo como se estivesse controlando uma égua, e em vários momentos lhe bateu levemente no rosto. Ela gozou várias vezes durante o ato, e ele, após alguns minutos, retirou o pênis e o sacudiu: o líquido branco se espalhou pelas costas de Paula. Os dois estavam exaustos e Rael buscou uma toalha no banheiro onde se secaram, se arrumaram e ele a levou até a porta de sua casa. No meio do caminho não disseram nenhuma palavra, mas foram abraçados. Rael não estava temeroso, pois passara das duas horas da manhã e não havia ninguém na rua. Antes de Paula entrar em casa, eles ainda se beijaram longamente, Rael começou a acariciá-la novamente e ela percebeu que não daria para se controlar, o empurrou dizendo baixo que se continuasse a agir assim alguém iria notar, alguém poderia ver, e isso poderia dar uma confusão dos diabos. Ele concordou e mesmo sem querer se afastou, ficou esperando ela entrar, pensava como podia ter acontecido uma loucura daquelas, ela era fantástica, linda, cheirosa e muito gostosa, e ele era um filho-da-puta por ter feito isso com o melhor amigo. Mas, por outro lado, pensava, dane-se, o Matcherros cata um monte de mina por aí, o que ele quer? Ser o dono do mundo?

Entrou, tomou um banho e foi dormir, estava muito cansado e tinha que trabalhar no dia seguinte. Levantou-se e olhou no relógio, já eram 11 horas da manhã e o sol estava de rachar.

— Meu Deus do céu, eu tô ferrado, já perdi metade do dia de trampo — exclamou desesperado. Começou a se arrumar rapidamente, sua mãe entrou trazendo os pães e lhe perguntou:

— Você vai sair, filho?

— Claro, mãe, por que você não me acordou, hein?

— Claro que não esqueci, filho, mas eu não sabia que você ia trabalhar no sábado também.

— O quê? Hoje é sábado? Que merda, mãe, e eu tô pensando que é sexta-feira, droga. Eu nem tinha que ter levantado, vou dormir de novo.

— Primeiro toma café, filho.

— Tá certo, mãe, puxa, eu pensei que era sexta mesmo! Acordei todo abalado.

Rael tomou café, mas não se deitou. Decidiu que iria até a casa de seu grande amigo, que por essas horas já devia estar acordado. Apesar de tudo, tinha que manter as aparências com o amigo, que não sabia nem suspeitava da traição de sua namorada. Mas se fosse verdade, o que diria? Que traição já é traição no pensamento, então Matcherros já tinha sido traído havia muito tempo.

Capítulo doze

— Cê tá ligado, ele não quer mais saber de dor, da precisão, da fome, da porra da nóia. Cê tá ligado? Ele só quer adentrar a terra, parar de sofrer, mano.

— Mas, Burgos, num dá dessa, mano, ele é seu irmão, como você vai subir seu irmão?

— Que se foda! Ele é meu mano de criação, e o filho-da-puta vai morrer de qualquer jeito, China.

— Mas ele pode tomá aquele bagulho lá, aquele tal de AZT.

— Que nada, num vou ficar vendo ele se acabar assim, o vírus tá comendo ele, e hoje ele vai subir.

Burgos estava ao seu lado já fazia alguns minutos, tomaram algumas cervejas e depois combinaram de fumar um baseado lá no pátio do José Olímpio. Apesar de ser seu irmão, ele nunca tinha sido tão bem-tratado assim por Burgos, e quando acenderam o baseado ele perguntou o que tava pegando. Burgos respondeu que ele iria subir, porque tava com o vírus da AIDS. Ele tremeu e quase derrubou o bagulho, mas pensou se tratar de uma brincadeira e disse que o vírus ainda não havia se manifestado, e talvez nem chegasse a se manifestar, afinal a medicina estava avançando a cada dia. Burgos nada respondeu, puxou uma pistola italiana Beretta calibre 22 LR da cintura e mandou ele dar o último trago de sua vida. Ele fumou, jogou a ponta no chão e caiu na quadra com um único tiro no meio da testa. Burgos disparou somente uma vez, mas não foi pra economizar bala, foi para, no caso de

alguma cagüetagem, poder alegar legítima defesa. Colocou a pistola na cintura novamente, pegou a pontinha no chão, voltou a acendê-la e saiu fumando pela favela.

Na pizzaria, cerveja era água. Ratinho, Jacaré e Ceará haviam assaltado uma loja de conveniência em Moema e estavam bancando tudo. Geóvas, Pássaro, Zé do Carmo, Kim, Jura e outros manos tavam só na serra, a noite estava garantida.

Na boca, China comprava umas buchas para ele fumar com Ratinho, Naná e Mixaria.

Marquinhos havia acabado de chegar, tinha vendido quase toda a carga de algodão e apesar de estar a fim de beber umas cervejas geladas, não iria à pizzaria por causa de sua mina, que o esperava em casa para uma longa noitada de amor.

— Não acredito, seu Lucas, o vagabundo ainda tá dormindo mesmo? É incrível, já é quase uma hora! Num sei não, mas acho que não vou voltar aqui hoje, o senhor manda um aviso, fala que eu tive aqui e...

— E aí, Rael! Beleza?

— Ah, só podia ser esse carudo mesmo. E aí, Cebola, tudo bem? Eu tô tentando falar com o Matcherros, mas tá embaçado.

— Ele chegou tarde ontem, mano, e tão cedo não vai acordar. A mina dele já passou aqui, esperou um pouco e foi embora, e o pior é que os cachorros tão morrendo de fome; a Laika já mordeu o focinho do Spike só por causa de um pedaço de pão seco que eu joguei.

— Você tá que nem o Nandinho, com essa mania de falar que tudo tá seco. Mas tá foda pra encontrar esse mano acordado... Faz o seguinte: depois cola lá, Cebola, pra gente trocá uma idéia; estou saindo fora, avisa pra ele que eu tive aqui.

— Tchau, seu Lucas, já tô indo, um abraço.

Rael se retirou, mas muito pensativo com as palavras de Cebola. Será que Paula havia ido lá para contar alguma coisa? O que havia acontecido fora além de sua imaginação, mas agora ele sabia da dificuldade de controlar a situação. Seu jogo de cintura teria que ser posto em prática a todo instante. Decidiu parar de pensar no assunto e foi direto pra casa. Entrou no seu quartinho, pegou seu livro de bolso e começou a lê-lo.

A 2 metros dali, seu amigo Testa sentia o frio do aço quando este penetrou sua boca, sua língua se contraiu e seus dentes bateram com força no cilindro da morte. Burgos segurou o cano firmemente na boca de Testa e lhe fez elogios com demasiado ar de superioridade, suas palavras não alcançavam o pequeno menino viciado em pedra e pichador nas horas vagas, pequeno devedor, muito pequeno para tão grande dívida. A lei na quebrada não é a quantia, mas sim o respeito, que deve acima de tudo prevalecer. Burgos arrancou o cano rapidamente de sua boca, e o garoto gritou quando sentiu que ainda estava vivo, os espaços em sua boca ficaram vagos, os dentes foram arrancados pelo cano do revólver. Ele tentou pedir socorro, mas sua boca pronunciou palavras estranhas, não que isso fizesse diferença quanto a alguém o ajudar, ele desistira pois sabia que nada iria fazê-lo sentir mais dor do que a abstinência da droga. Ele se entregou e aceitou a morte como se aceitasse um grande presente, em seus pensamentos as palavras finais de Burgos não contavam, ele viu lindas paisagens, ele estava viajando, mas foi ruim o ar que entrou em sua boca quando o primeiro tiro foi efetuado, Deus! Como é ruim, não dói, pensou o menino. Simplesmente o ar entrou pelo furo e provocou um frio insuportável, são dois os tiros, e então três, mas o frio impedia seu raciocínio e ele viu um médico, sua mãe o pegou no colo e beijou sua testa, seu pai lhe deu um caminhão no Natal, seus amigos lhe fizeram uma linda festa-surpresa, sua primeira namorada foi a Regina, filha da dona Dulce, seu amigo lhe deu um

CD do Gog de presente e ele escutou: “Um corpo estendido no meio da rua, somente Deus por testemunha.” Testa se arrepiou todo. Mixaria lhe vendeu seu primeiro cano, foi uma pistola GP-35 Browning, um tesão de arma, fabricada na Bélgica, e foi também Mixaria que o convidou a cometer seu primeiro assalto, seu avô o adorava e não acreditava naqueles boatos, sua avó ainda tinha na sala seu retrato, sua coleção de moedas antigas continuava guardada, ele não viu o rosto de seu irmão quando soube da conta bancária que ele havia aberto para ele, não viu a cara dos vizinhos quando chegou do serviço de gravata e de celular, certamente disseram, que nego enjoado, mas não viu, não viu.

Capítulo treze

Burgos subiu pela Sabin, desceu pelo Fundão, entrou no primeiro bar que encontrou, comprou uma Coca-Cola, desceu a Sabin por outra rua, saiu na avenida Nova, andou em direção ao supermercado Sé, mas, antes de chegar lá, entrou numa viela, dobrou outra, subiu mais uma rua e saiu no barraco do finado Azeitona, que agora pertencia a Turcão, ex-policial que comandava o tráfico na área. Turcão abriu a porta, estava com um litro de conhaque na mão e uma pistola na cinta como sempre. Ele o mandou entrar, Burgos entrou, cumprimentou uns malas encostados na parede e disse:

— Tá tudo pela órdi!

Turcão fingiu não entender o esclarecimento e perguntou:

— Pela órdi o quê, cumpádi?

— Ah! Num vem com essa não, maluco, sem gozação, a parada tá feita.

Turcão não expressou nenhuma reação, mas depois de alguns segundos soltou uma grande risada e foi acompanhado em coro pelos malas até que mandou todo mundo calar a boca e falou olhando diretamente para Burgos.

— Tô ligado, num fica abalado não, maluco, a parada tá ali, com esse serviço que você realizou e a parada que você me deu, completou o pagamento, é só pegar a sacola e conferir.

Burgos entrou no banheiro e saiu de lá com a sacola, a abriu em frente aos malas e conferiu a mercadoria em voz alta.

— Revólver calibre 38, cano de duas polegadas, revólver 19 calibre 357, Magnum em aço inoxidável, cano de duas polegadas, mas tá faltando a espingarda.

Turcão o fitou e disse que a espingarda que ele pediu era de caça e que os malucos da civil não tinham, por isso ele havia arrumado algo pra substituir.

Burgos balançou a cabeça em afirmativo e perguntou o que era, Turcão abriu a gaveta do armário e retirou três granadas e as colocou em cima da mesa, Burgos primeiro se assustou, mas ponderou seu temperamento arisco e perguntou em voz baixa.

— Mas em que porra de lugar que eu vou usar isso?

Turcão respondeu também em voz baixa.

— Cê num vai fazer um banco, porra?! Então é só jogá uma quando você sair dele com o dinheiro que os homi vão pensá duas vezes antes de persegui vocês.

Burgos não gostou muito da idéia, mas viu que os malas estavam de pé, e de repente tudo aquilo estava parecendo uma traiagem, pegou as granadas rapidamente, colocou duas na bolsa e ficou com uma na mão, Turcão estranhou o ato e perguntou o porquê do medo, Burgos respondeu que não conhecia os malucos e que se fosse traiagem tudo iria pelos ares. Turcão deu uma longa risada e falou pra ele ficar a pampa, pois os malucos que tavam ali eram tudo polícia lá de Heliópolis, e que tavam ali acertando uma parada de pó. Burgos não hesitou e saiu rapidamente do baraco, com a granada na mão e a maldade no pensamento.

Logo pela manhã o comentário era geral: quatro tiros no rosto e dois no peito. Todos já sabiam quem era o autor, o mesmo que matou dona Maria Bolonhesa e seus dois filhos, o mesmo que matou Taboinha, o mesmo que matou seu próprio irmão. Rael se sentiu muito abalado com a notícia, mas já previa aquela situação. Ele já sabia que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Testa era seu amigo desde sua mudança para o Jardim Comercial, mas, como muitos, se desvirtuou, e tudo se resumiu a um ato, uma curiosidade: um traguinho e a auto-estima escorreu pelo esgoto. Ele já sabia o futuro do seu pequeno amigo, mas o Testa não escu-

tava os conselhos de ninguém, odiava a comparação com os primos, e as constantes opiniões dos parentes: põe ele no Senai, paga computação! Sabe, dona Tereza, o que dá futuro pra esses moleques, hoje, é desenho e digitação.

Rael não conseguia parar de pensar no ocorrido e sabia que explicar não era fácil. O que aconteceu realmente, só quem sentiu o gosto do *crack* pra saber. Rael já havia experimentado e sabia que só pelo gostinho, só por aquele momento de felicidade, o pequeno Testa faria tudo de novo. Havia em sua cabeça a certeza de que certas drogas nunca deveriam ser experimentadas, e o exemplo estava ali. O álcool sempre lhe fora imposto: meu filho é macho, cês tão duvidando? Ele não é maricas não, olha só, o bichinho até bebe cerveja com o pai, né não, filhão? E Rael sabia que para se iniciar no vício nem precisava muito esforço. O álcool vinha como uma herança genética, era uma dádiva passada de pai pra filho, de filho pra filho, e assim se iam famílias inteiras condicionadas ao mesmo barraco; padrão de vida inteiramente estipulado. As correntes foram trocadas pelos aparelhos de televisão. A prisão foi completada pelo salário que todos recebem, sem o qual não podem ficar de jeito nenhum, pois todos têm que comer.

Rael só parou com seus pensamentos quando topou com Cebola, que disse estar indo para sua casa. Os dois rumaram para o fim da rua e decidiram ficar vendo os moleques jogar bola na quadra do José Olímpio. A identificação dos times, como sempre, era: com camisas contra sem camisas, e a pancadaria rolava solta. Muitos que ali estavam vendo o jogo nem gostavam de futebol, só iam pra ver as brigas ou então pra fumar um baseado com os vencedores no fim do jogo. Permaneceram ali por alguns minutos, mas como não gostavam de ficar muito à vista com os caras que fumavam um, evitando comentários da vizinhança, que era em sua maioria interessada na vida alheia, Rael convidou o amigo para tomar um café em sua casa.

— Oba!, um café seco pegado no pântano é com nós mesmos — brincou Cebola, imitando seu irmão Nandinho, e friccionou as mãos em sinal de agradecimento pelo convite. Rael sabia o porquê da brincadeira do amigo, afinal ninguém conseguia tomar o café da casa do Cebola. Era um café muito aguado. Café de homem não presta, e na maioria das vezes era seu tio, o Carimbê, que fazia.

Capítulo quatorze

Jacaré corre, se espreita rapidamente entre as apertadas trilhas com laterais rústicas, de madeira, um verdadeiro labirinto. Pregos não totalmente pregados às tábuas recolhidas na feira para se montar barracos rasgam sua pele. Só o ar frio da noite e o calor da fuga não o faz sentir a grande dor. Ele corre para salvar sua vida, eles o perseguem, não sabe quem são, nem quantos, mas sabe que o querem. Motivo? Enquanto corre, sua vida passa em trechos rápidos no confuso universo da sua mente, passam rapidamente as lembranças, até chegar a essa noite. Badalações, sorrisos, muita bebida, uns baseados. É uma festa, ele, meio doido, esbarra num homem, no homem errado. Ele grita. Em meio às tábuas por cima das quais acabara de passar havia um prego, e agora ele está fincado no seu pé. Mesmo assim, Jacaré sabe que não pode parar. Quer chegar em casa, quer dar um beijo em sua mãe, quer vê-la pela última vez, quer ao menos pedir perdão. Não deveria ter saído, ainda mais sozinho e desarmado... Seus pensamentos agora se confundem, já está cansado e descuidado. Cai em uma fossa, seu corpo afunda, o cheiro de podridão o faz vomitar, seu vômito se mescla à água suja que ele tenta não engolir no desespero. Seus perseguidores estão se aproximando. Ele permanece com a cabeça dentro da fossa, até eles passarem. Os passos se distanciam, Jacaré já se sente aliviado; sai de lá enojado, mas com um leve sorriso no canto da boca. Se depara com um cano escuro, ele até pode jurar que é uma pistola. Ela está posicionada na altura do seu estômago e Jacaré ouve o eco da bala lá dentro, dentro de si. Ele vê um menino, 12 ou 13 anos

no máximo, mas não reconhece o pivete: não era ele na hora do desentendimento na festa. O menino resmungava algo. Jacaré está quase congelando, mas entende as palavras de seu executor:

— Lembra da mina que tu matou na batida, sangue?

— Narigaz, Narigaz! Escuta, meu.

— Ahn... Eu tô ouvindo sim, é que eu estava pensando num bagulho aqui... mas, aí, o mano que morreu era truta seu, Matcheros?

— Que nada, era um corintiano! Sabe, era sossegado... bem, pelo menos parecia, né? Sempre andava de agasalho e jogava bola todo sábado lá no campão, tinha até um time que ele mesmo montou. Todo mundo estranhou quando viram ele morto, todo sujo de merda, sabe? Ninguém entendeu o que aconteceu, mas a Déia, aquela tiazinha lá da rua Doze, disse que ele estava com uma treta com os caras lá da Cohab. Eu duvido, porque tudo que sai da boca daquela víbora é fofoca. Bom, mas de qualquer jeito, ele já tinha errado com aquela batida, tá ligado?

— Tô sim, ele tava bem louco, e passou na contramão, não foi?

— É, foi essas fita aí mesmo.

— É foda mesmo, no final todo mundo que morre neste fim de mundo é classificado como a mesma coisa. Por isso que eu falo, truta, eu quero continuar a estudar, e se Deus permitir, mano, eu quero ter um futuro melhor. E o pior é que, se você analisar os fatos, vai notar que de todos os trutas só um ou dois patrícios tão querendo algo. Por exemplo, você; você tá vacilando, Matcheros, tem que se ligá, mano.

— Aí, Narigaz; vai atrás do seu, maluco, que o meu tá garantido.

— Tá, eu tô vendo. Sua vaga tá lá no São Luís te esperando, fica fazendo essas fita errada aí, que você vai ver.

— Aí, nem meu pai fala isso pra mim, truta, cuida do seu.

Narigaz viu que o amigo ficou nervoso e resolveu continuar seu pensamento, citando outros amigos.

— Tá certo, cê vê, o Alaor tá na correria, o Panetone e o Amaral também tão dando mó trampo, mas o resto, mano, na moral, tão vacilando. Eles tinham que ouvir as idéias do Thaíde, tá ligado? “Sou pobre, mas não sou fracassado.” Falta algo pra esses mano, sei lá, preparo; eles têm que se ligá, pois se você for notar, tudo tá evoluindo e os chegando tão lá no mesmo, e não tô dizendo isso porque sou melhor não. Cê tá ligado que comigo isso não existe, mas na moral, cara, esses aí vão ser engolidos pelo sistema; enquanto eles dormem até meio-dia e fica rebolando nos salão até de manhã, os playbas tão estudando, evoluindo, fazendo cursinho de tudo que é coisa.

— Que nada, Narigaz, a real é que nem o pastor falou, que esse lugar é amaldiçoado mesmo. Cê num viu que ele explicou que o nome Capão vem de terreiro e que foi dado a este lugar porque aqui era só árvore e os macumbeiros vinham fazer trabalho aqui? Com o passar do tempo as maldades do lugar foi aumentando, e Redondo é por causa do estilo redondo do bairro; ele até disse que os espíritos fica andando e atazanando a cabeça do pessoal.

— Que porra de história da carochinha é essa, truta! Você acredita naquele pastor, cê num viu o escândalo que teve na porta da igreja dele não? Tinha uma mulher falando que ele matou a irmã dela lá na Paraíba, e que aqui queria dar uma de pastor.

— Ah! Às vezes é mentira da vadia.

— Deixa pra lá, vou continuar com a idéia. Então se liga, os playbas têm mais oportunidade, mas na minha opinião, acho que temos que vencê-los com nossa criatividade, tá ligado? Temos que destruir os filhos-da-puta com o que a gente tem de melhor, o nosso dom, mano. O Duda e o Devair pintam pra caralho, o Alaor e o Alce fazem um *rap* bem cabuloso, o Amaral e o Panetone jogam uma bola do caramba. Você, Matcherros, desenha até umas

horas, mas tão aí tudo vacilando, cês tem que se aplicá. Uns tentam, outros desistem fácil demais, e o que tá acontecendo é que o tempo passa, tá ligado?, e ninguém sai dessa porra. Mas vai lá trocá uma idéia cinco minuto e você vai ouvir reclamação até umas hora. Tá tudo ruim, cara, o mano agora é pai de um bebê, o pai do outro fugiu com uma vaca, o pai de cicrano é tão filho-da-puta que tão dizendo até que é bicha, e daí pra pior. Mostra aqui, quem tem o dom de ler um livro, quem aqui você viu dizendo que tá tentando melhorar, que tá estudando em casa, que tá se aplicando? Ninguém, mano, pois pra sair no final de semana e beber todo mundo sai; mas pra estudar, aí é embaçado, e o futuro fica mais pra frente, bem mais pra frente daqui.

— É, mano, cê tá certo, tirando um ou outro a maioria tá foda mesmo, e depois a vida cobra o preço. Pode ter certeza, Narigaz, se você parar pra pensar mesmo, você fica louco, por isso nem adianta mais falá, você fala, fala, e no final o cheio de querer é você, mas é como você disse, o futuro fica mais pra frente, bem mais pra frente. Não é culpa do lugar, é da mente; e o futuro dos boy tá mais perto de acontecer do que o nosso.

— É isso mesmo que eu quis dizer, mas já falei pra caralho, né, mano? Vamos comer um pão aí e vamos lá na casa do Panetone.

— Eu também preciso falar com ele, quero pegar o coturno emprestado; será que ele vai usar hoje?

— Talvez; mas ele comprou um tênis esses dias, e tá cheio de querer. É um Adidas azul, tá ligado?

— Ah, já sei, é um baixinho, né? Bem rasiinho, tipo de salão, eu acho dá hora aquele tênis, o Amaral tem um vermelho.

— É aquele mesmo; agora termina de tomar esse café logo. Você quer mais um pão?

— Não, não, eu tô a pampa.

Após alguns minutos foram para a casa do Panetone. Matcherros ainda estava com o último pedaço de pão na boca, mas Narigaz já tinha comido o pão por inteiro, não perdia tempo

no que se tratava de comida. Esse é o costume de quem tem uma infância turbulenta, ainda mais contando com mais três irmãos na concorrência da mesa. Chegaram à casa do Panetone, ele não estava. Então Matcherros o convidou para irem à sua casa; andaram mais 100 metros e chegaram. Lucas estava tomando sol, sentado num banquinho feito de um caixote de feira. Os dois não precisaram nem tomar a iniciativa de cumprimentá-lo, pois ele tomou a frente, agredindo Matcherros.

— Você é engraçado pra caralho, quer ter essas porra de cachorro mas acha que eles num caga. O quintal tá todo fodido, cheio de mosca.

Matcherros nem esperou Narigaz entrar direito e já foi respondendo em voz alta para seu pai.

— Que se foda, essas porra de coelho é que atrai mosca e fede pra caralho.

Seu pai deu um passo à frente, e encarando-o nos olhos, pediu que ele repetisse o que tinha dito.

Matcherros não duvidou da reação de seu pai e abaixou a cabeça, indo em direção à cozinha. Chegando lá, pegou a chaleira, colocou um pouco de café fraco e frio no copo e bebeu. Até aquele momento ele não havia notado a presença de seu tio, Carimbê, que se encontrava deitado sem camisa, com uma aparência horrível; enrugado, com os lábios secos e os olhos vermelhos; careca, com alguns fiapos de cabelo somente na nuca, com a calça e a bota toda suja de lama e mijo. Notou ainda catarro no travesseiro, viu a dentadura dentro do copo com água, o cigarro ainda aceso e pela metade no chão, o cinzeiro sujo, um copo de café sujo. Tudo era sujeira à sua volta. Sua respiração era lenta e forte, seu olhar concentrado no teto, estava bêbado novamente. Narigaz também reparou o aspecto horripilante daquele bebum com apelido de jogador de futebol estrangeiro. Ambos se retiraram da cozinha e Carimbê ficou lá, parado, pronunciando palavras incompreensíveis para outro ser. Talvez lembrando de um acontecimento passado.

Capítulo quinze :

Trabalhando em uma construção está Carimbê, a vida não é fácil, estude, meu fio, foi o que seu pai lhe disse a vida inteira, mas ele só veio a sentir a falta do estudo quando saiu de sua cidade e começou a procurar emprego no Rio de Janeiro. Encontrou um emprego temporário, que oferece alojamento, comida e um escasso salário mensal, lá está ele, de segunda a sábado, levantando vigas, fazendo concreto, trazendo tijolos, rebocando paredes, azulejando banheiros, aplicando massa, enfim, fazendo tudo que um ajudante de pedreiro faz.

E finalmente é domingo, o colega de alojamento o convida para juntos tomarem umas cachaças, pois era o dia de folga dos dois e podiam se dar ao luxo de beber e escapar da porcaria da monotonia.

Carimbê não demora a concordar e em poucos minutos chegam a um forrobodó, como são chamadas as festas que só tocam forró. Seu amigo não demora a arrumar uma parceira para dançar e Carimbê se atraca com uma fubanga superconcorrida, os dois começam a dançar se esbarrando a todo momento com os outros dançarinos no pequeno bar, que está completamente lotado. Quem já freqüentou esses ambientes sabe que eles têm uma madeira, um compensado na parte da frente, cuja finalidade é impedir que as pessoas que passam na rua vejam as pessoas que freqüentam o bar, afinal tem muito homem casado lá dentro. Carimbê só pára com o arrasta-pé para beber uma quentinha, e já está rolando no salão que nem louco. Lá fora a parada é outra, chama-

ram a polícia por causa do barulho do bar, a polícia chegou rapidamente e o sargento foi entrando no bar. Quando passa da entrada, Carimbê vem rodando agarrado a sua fubanga e o choque é imediato, o sargento cai de cara no chão, todo mundo pára. A música é interrompida, os policiais que vêm logo atrás o levantam rapidamente. Carimbê tenta entrar no meio da multidão, mas o pessoal se afasta dele como quem se afasta da morte, e todos apontam para ele e sua fubanga quando o sargento pergunta furioso:

— Quem foi o grande filho-da-puta que me derrubou?

Carimbê se aproxima ainda agarrado a sua companheira e tenta dizer que foi sem querer, que ele simplesmente estava dançando e que... mas não dá tempo nem de pronunciar a palavra seguinte, já leva um tapão na cara sua, companheira tenta falar que a culpa era só dela e... também leva um sopapo na orelha, os dois ficam cabisbaixos e não tentam esboçar mais nenhuma reação, o sargento ordena que todos vão embora, pois a festa havia terminado.

Ordena também que o dono do bar feche o local e se retira com a arrogância de sempre.

Carimbê e sua companheira vão para o bar do lado e, entre comentários de indignação e copos de cachaça, saem completamente embriagados, só conseguem chegar ao alojamento pois um se apóia no outro durante todo o percurso. A companheira de Carimbê entra e cai na cama, como uma rocha, enquanto ele se dirige com muita dificuldade para o banheiro do alojamento que fica a poucos metros dali. Quando entra, escorrega e cai violentamente, quase batendo com a cabeça no vaso, tenta levantar, mas o chão está escorregadio demais, e ele não consegue identificar se é vômito, urina ou sabão o que o fez cair, começa a adormecer lentamente pois a batida de maracujá faz efeito.

Zé Márcio, que é mestre-de-obras e responsável pelos serviços ali realizados, entra no banheiro com a intenção de tirar água do joelho, se assusta quando vê seu funcionário naquela situação,

puxa o pênis pra fora e não demora a mijar no ajudante de pedreiro, sem nenhum remorso, fecha a braguilha e sai.

Elias Mineiro vai até o alojamento de Carimbê pra ver se ele tem um rádio para emprestar, pois não estava conseguindo dormir, bate na porta e sente que ela está sem o trinco, entra e vê uma dona muito gostosa na cama, se acomoda ao seu lado e tenta acordá-la com uns beijinhos no rosto, mas logo desiste quando nota o cheiro forte de pinga. Elias Mineiro se levanta, vai até a porta, passa o trinco e ainda pensa que talvez Carimbê só esteja no banheiro e logo volte, mas olha para a dona e resolve arriscar. Também Carimbê era um tremendo cachaceiro, e se saísse com ele na mão levaria prejuízo na certa. Ele se aproxima da dona, retira sua blusa, seu sutiã, chupa seus peitos rapidamente, pois sente um forte cheiro de suor, retira sua calça e ri quando vê que a dona está de calcinha vermelha, ele retira seu pênis, põe a calcinha vermelha de lado e introduz, faz movimentos constantes durante meia hora, a dona nem se mexe, quando nota que está na hora de gozar, Elias Mineiro retira seu pênis e o coloca perto dos lábios da bela adormecida, goza no rosto da dona, se limpa na blusa dela, abre o trinco e sai.

Segunda-feira, o sol já está surgindo, logo ao amanhecer Carimbê acorda e se vê naquela situação, sente um incrível e forte cheiro de urina e vômito, mas pensa que nada mais comum do que sentir aquele cheiro no local onde estava, vai até o alojamento e a mulher que o acompanhara na noite anterior não está mais lá, nem seu rádio, pega uma muda de roupa, um barbeador e vai tomar um banho, se troca rapidamente, corre para chegar a tempo e pegar a senha com as tarefas de cada dia, chega para Nego Zu, o assistente que distribui a senha e, ofegante, pede a sua; a resposta o deixa abalado:

— É que o encarregado, o Zé Márcio, pediu que não lhe entregasse a senha e sim esse envelope de dispensa.

Carimbê pega o envelope. Ninguém ali nunca soube o quanto ele precisava daquele emprego, era tudo que tinha, sua dignidade, sua esperança, seus planos para o futuro. Abre o envelope na frente do colega Nego Zu, que não consegue fitá-lo.

Carimbê diz que falta dinheiro e Nego Zu diz que ali só tem 20 por cento do dinheiro, o restante ele terá que pagar na matriz.

— E onde inferno fica a matriz?

— Na praça da Sé, em São Paulo — responde já meio nervoso, Nego Zu.

— Jesus Cristo, em São Paulo?

Nego Zu nada responde e começa a pensar que aquele filho-da-puta merecia mesmo ser mandado embora.

Carimbê nota sua cara de indiferença e se retira furioso, nem se lembra de retirar suas coisas do alojamento, vai para o bar mais próximo onde torra todo o dinheiro em pinga. Cai bêbado num matagal próximo ao bar quando tenta voltar ao alojamento.

Seu sono tranqüilo é interrompido por gritos e ele sente que está levando chutes na barriga.

— Levanta, pilantra, levanta!

Abrindo os olhos lentamente ele avista seu amigo sargento, amigo de tapa na cara, é claro, e diz gaguejando:

— Sabe o que é, é que eu trabalho ali e...

O sargento nem o espera terminar a frase, o pega pelo colarinho e o suspende no ar como se estivesse pegando um recém-nascido.

— Tô vendo, ontem você estava tumultuando naquele boteco, hoje bebinho em plena segunda-feira, entra aí na viatura, vagabundo, que nós vamos averiguar.

A polícia o leva para o alojamento, deixam um policial olhando Carimbê e tocam para o escritório da obra, dez minutos depois voltam dizendo:

— É, o encarregado disse que você é trabalhador, e que se não bebesse seria um ótimo ajudante. Pô, cara, vê se toma vergonha na cara, fica numa dessas aí.

O outro policial lhe dá uma bolsa e diz que o encarregado colocou suas coisas ali dentro, pois o quartinho já é de outro contratado. Carimbê pega a bolsa e explica aos policiais que tinha bebido, que os palhaços donos da obra lhe deram só um pouco de dinheiro e que a grande parte seria dada em São Paulo. Os guardas o orientam para que vá à delegacia e converse com o delegado, pois esse recebe do Estado algumas passagens para fatos assim.

Carimbê concorda e vai com os policiais para a delegacia, no caminho se recorda que tem dois irmãos em São Paulo. Chegando à delegacia, entra numa pequena sala e vai logo reparando no gordo sentado e sua imensa mesa toda bagunçada. O gordo tem uma cara de mau elemento, mas é o delegado. Não demorou muito e foi falando:

— Boa-tarde, sinhô, meu nome é Lavinho Gama Souza Ares Ferreira, e estou querendo...

— Já sei o que você quer, me poupe de conversa fiada, pela sua cara não dá para pensar outra coisa, é um passe de viagem, mas a questão é pra onde?

— Bom, os homi lá da firma marcaram o meu pagamento para a praça da Sé, em São Paulo.

— Deixa eu vê aqui... Ah! você tem sorte, sobrou um, é para as 22 horas de hoje.

Carimbê agradece e vai logo pegando a passagem, mas o delegado não a dá e o adverte com tom de ameaça.

— Cê pensa que vai aonde? Acha que todo mundo que pede passagem a gente fornece e deixa sair assim, você tá louco, você vai ter que ficar aqui no xadrez até a hora do embarque.

Após a decepcionante notícia, Carimbê é colocado numa cela com meia dúzia de marginais, tem que esperar pianinho e,

enquanto espera, tira o relógio e o anel e faz uma pequena doação espontânea.

Lá pelas vinte horas os policiais o retiram da cela e o escoltam até o ônibus, onde Carimbê embarca para São Paulo. Decide não agradecer pela ajuda quando vê o seu querido relógio no pulso de um dos policiais.

A viagem é normal, quatro pessoas da mesma família vomitam, um homem desce no meio do caminho, um menino faz as necessidades nas calças, pois o banheiro está ocupado com um casal recém-casado, muito frango com farofa, muita cerveja em lata, muita conversa.

Finalmente, o ônibus chega à rodoviária, Carimbê desce, muitas pessoas andando para todos os lados, os avisos da rodoviária advertem que não se deve confiar em ninguém, não comprar ouro na porta, não comprar relógio, nem fazer qualquer negociação suspeita. Carimbê anda por mais de uma hora na maldita rodoviária para achar a saída, a encontra, se dirige para um carrinho de cachorro-quente e explica para a dona que não tem dinheiro e que está morrendo de fome. Consegue comer um cachorro e tomar um refrigerante de graça, mas só após buscar um botijão de gás e varrer toda a calçada perto da barraca. Carimbê pede informação à dona sobre o albergue mais próximo e ela lhe indica um que fica a mais ou menos 5 quilômetros dali.

Ele anda uns 500 metros e avista um bar, senta e pede uma branquinha. Repete o esforço físico de levantar o copo mais uma vez e, em pouco tempo, está no estranho mundo das alucinações. Paga com algumas moedas e sai. Mais bar, mais bebida. Chega ao albergue completamente bêbado, fica duas horas na fila para pegar a senha e, quando a pega, não quer saber nem do sopão, vai logo se deitando, acorda tonto e assustado, pergunta ao rapaz ao lado pelas horas, e quando ouve sua resposta, grita.

— Meu Deus, nove da manhã, tenho que ir. — Carimbê procura sua bolsa e não encontra. Pergunta ao funcionário do al-

bergue se não o tinham roubado enquanto dormia, o funcionário responde de maneira agressiva, esclarecendo que ele chegou ao albergue de mãos vazias.

Na bolsa verde tinha três calças, quatro camisas, um par de chinelos, um serrote, uma colher de pedreiro, um martelo, uma foto de Carimbê e sua esposa numa linda praça de Belo Horizonte e um maço do cigarro Campeão, que era um produto do Paraguai.

Carimbê ingere uma sopa rala de legumes, empurra um mendigo que está à sua frente, chuta uma lata de lixo, tropeça numa cadeira, grita diabos, pega o bilhete do metrô que os diretores do albergue fornecem gratuitamente e parte para a rodoviária, só que antes precisa achar a praça da Sé. Avista um senhor que vende bilhetes e se dirige a ele, mas antes de perguntar o vendedor lhe grita furioso:

— Se for pra perguntar, pode saindo fora, eu num sei onde fica porra nenhuma!

Carimbê não consegue argumentar nada, engole em seco e sai rapidamente de perto do vendedor. Mais à frente pede informação a um guarda que o orienta corretamente. Carimbê se retira com a informação na cabeça e com o pensamento de que aquele azulzinho comedor de coxinha até que servia para alguma coisa. Em poucos minutos está na praça da Sé, acha o prédio com facilidade, sobe pelas escadas, está com muita pressa pra esperar o elevador. Entra na salinha que o número em seu papel indica, retira o dinheiro com uma velha gorda de cabelo todo ensebado, meu Deus, parece gordura o que ela usa no cabelo, pensa ele. Não vai para a rodoviária. Sai rapidamente do prédio e vai para a praça da Bandeira pegar o Valo Velho, é lá que mora sua irmã. Enquanto aguarda o ônibus, passa a mão no bilhete que pegou no albergue, não iria usá-lo no metrô, não senhor, ia tomar de pinga mais tarde, isso sim, pensou confiante. Não demora muito e o ônibus chega, entra e se senta rapidamente, pois a fila está imensa, estranha quando nota que há muitas pessoas em pé e que ninguém se senta ao seu

lado, mas deixa de estranhar quando olha para seus sapatos e vê o vômito que está em abundância no chão, pedaços de macarrão, cenoura, batatas, tudo coberto com vinho seco, levanta-se rapidamente, vai a viagem inteira de pé, desce dois pontos antes pois tem que gastar o dinheiro que estava coçando em seu bolso como sarna. Não dá outra, entre goladas e novos amigos que não demoraram a aparecer, bebe todo o dinheiro que tem, ruma para a casa de sua irmã entre tropeços e quedas, chega após algumas horas. A casa está toda escura, todas as luzes apagadas, pergunta pelas horas para um senhor que passa e esse lhe informa que são mais de dez horas da noite. Carimbê fica puto e nem agradece ao senhor, que por sua vez desce reclamando da falta de educação dos incrédulos e dizendo que só Deus salva. Ele já está decidido a dormir na rua, talvez embaixo de uma mesa de sinuca, pois não queria causar incômodo logo no primeiro dia e, quando está escolhendo um lugar protegido, avista uma Kombi que deveria ser do seu cunhado, pois quando olha pelo vidro vê várias caixas de frutas lá dentro, sabia que seu cunhado trabalhava na feira. Carimbê tenta abrir a Kombi, consegue, entra e dorme em cima das caixas de bananas.

Já são sete horas da manhã e Carimbê acorda assustado quando ouve algo.

— Essa bosta virou hotel de cachorro agora?

Vê que é seu cunhado e responde envergonhado:

— Oi, é que... é que eu cheguei tarde e não quis incomodar, sabe, né, acordar vocês e...

— Tá bom, foi bom mesmo não me acordar, se não ia ter, mas já que você está aqui, daqui a pouco vai chegar um caminhão de pedra, pois eu vou encher essa laje e fazer o piso da casa inteira em breve; quando chegar, coloque a pedra no quintal e comece a preparar as vigas, mas antes vai tomar café, vai.

O cunhado liga a perua e sai em disparada, Carimbê fica com vontade de mandá-lo tomar no cu, mas precisava ficar ali, sua irmã se aproxima e, reparando-o de cima a baixo, diz:

— Ah, agora eu vi tudo, já veio me encher o saco, né? Droga! Por que não ficou em Minas, vagabundo? Num precisa responder, daqui a pouco vai chegar material aqui em casa, vem tomar café e depois pode pôr um calção pra trabalhár.

Carimbê entra, toma café rapidamente, come um pão com mortadela sob o olhar aniquilador de sua irmã e sai. Serra um cigarro dum tiozinho. Senta na calçada, acende o cigarro e pensa pela primeira vez no que se transformou sua vida, começa a rir quando avista o caminhão do depósito, mas pára rapidamente sua histérica risada quando percebe que sua vida, no total, não passa de uma grande decepção.

Quarta parte

Talvez seja melhor seguir a honestidade

Dia 6 de janeiro, ano 2000.

Pode crê. Daqui a pouco é século XXI. Representando a quebrada do Jardim Ypê, baseado em fatos verídicos, o grupo Realismo Frontal tem o imenso prazer de estar participando desta importante obra literária que envolve a sociedade no geral.

Vamos lá! Meu vulgo é Aleção, vivo no gueto, descabelado, junto com meus irmãos. Aproveitarei pra desabafar algo sério.

Bom, falarei sobre um assunto embaçado: é o seguinte, tá ligado; o crime que é noticiado no rádio, jornal, televisão, é sempre diretamente ligado à miséria. Por quê? Porque pondo os pés no chão, é bruta a nossa realidade.

É superdifícil lidar com a necessidade numa metrópole como essa. O país é amado, rico, maravilhoso, mas nós passamos mal, assolados pela miséria.

Aí, como sou preto, vem o preconceito racial, policiais despreparados agredindo, espancando. Os políticos na profunda corrupção, desordem antiga contribuindo pro sufoco do povão. Neste momento que você lê, muitas famílias pedem socorro. Você já cresce no meio do veneno e chega uma hora em que o desespero é total.

Vem a depressão pesada e, se não houver apoio, o maluco fica atacado, injuriado, pega uma arma e vira rápido um suicida. Condenado, arruma várias tretas, troca tiro, mata, o clima pesa, uma bomba pra você já foi programada, entende? É como uma cilada.

Coisas do dinheiro, que trazem conforto; quem tem são poucos. Aqui, contar com sorte é preciso, inteligência pra conciliar esta fita cabulosa é incrível, o melhor é ter fé no poder divino.

É isto aí, truta! Espero que tenha entendido minha expressão, talvez contribua pra sua jornada, irmão. Felicidades e mantenha a paz, ladrão.

Seguindo o costume, mando um salve pra minha região, aliados que dão uma força moral pro nosso trampo artístico. Salve, salve, Dilson, Bala, Hélio, Zoio, Márcio, Gato Félix, Nélon, Ronaldo, Arnaldo, banca forte Canabis Futebol Clube é o esporte em ação. Encarceirados: Melquíades, Claudinei, Gordo, Régis, Mico e Lelé. Pras minas: Irani, Regina, Martinha, Diana, Fabiana, Carla, Cristina. E a velha guarda, nossa família de sangue, o Hip-Hop, B. Boys, grafiteiros, skatistas, Djs e Mcs. Darlei, Bazuca, Pivi, descansem em paz. Mano, cada um faz o que sabe, mas, repare, talvez seja melhor seguir a honestidade.

Negredo

Capítulo dezesseis

Capachão chegou em casa, estava cansado. Havia treinado o dia inteiro na academia militar e pegara ônibus lotado; só pensava em dormir.

Foi até sua cômoda, pegou o disco *Raio X Brasil* dos Racionais MCs e colocou na vitrola antiga que foi a única coisa que sua mãe deixou antes de abandoná-lo. Quando a música começou, não notou, mas se apoiou no compensado instável que era sua parede e recordou seu pai. A tristeza tomou conta do seu ser naquele momento, e ele dizia bem baixinho, enquanto fechava os olhos: que saudade pai, que saudade.

Burgos estava descendo a rua, ultimamente dera para andar com uma bolsa de raquete de tênis a tiracolo. Todos estranhavam, pois nunca o haviam visto praticar nenhum tipo de esporte. Desde pequeno só era visto fazendo suas correrias, roubando doce de um mercado, manga da feira. Vira e mexe apanhava que nem um condenado por pequenos furtos. Estava andando no meio da rua distraído, pensativo. Os vizinhos quando o viam entravam, fechavam as janelas, pois sabiam que Burgos agora era sangue no olho, um cara sem limites. Havia comentários de que ele tinha roubado quatro postos de gasolina num único dia e de que suas armas já eram suficientes para fazer uma guerra.

Capachão acordou lá pelas três da manhã. Não conseguia dormir, seus pensamentos voltaram, e agora lembrava dos

amigos, aqueles que estavam todo o tempo com ele, nos momentos mais difíceis: Cebola, Alaor, Narigaz, Amaral, Rael, Panetone, era pega-pega, esconde-esconde, pião, estrear nova cela, bolinha. Entre aquelas brincadeiras surgiam os apelidos, o Cebola tinha um corte de cabelo igual ao de um frei, seu cabelo era todo redondinho. Panetone era magro e tinha o rosto todo marcado por espinhas mal espremidas, tinha o cabelo encaracolado e sua cor se parecia com o papel que embrulha o panetone. Amaral, apesar de ser paulista, tinha um jeitão bem nordestino, tinha o olho um pouco torto e a comparação com o jogador não demorou a lhe render o apelido. Notando o que a realidade fez a todos eles, Capachão não se conteve e uma água sentimental desceu dos seus olhos. Ele chorou, abaixou a cabeça e tentou dormir novamente.

Rael rezou, tentou despistar. Sua mãe entrou, ela notou, pois suas mãos estavam postas. A mãe sabia no que ele pensava, as mães sempre sabem. Ela foi para o quarto se queixando de uma dor terrível nos ossos, Rael pediu bênção, ela o abençoou e foi se deitar, ele continuou rezando e pedindo que pudesse ficar com Paula eternamente.

Cebola ligou o rádio, apagou a luz e pediu a Deus que protegesse os seus familiares e seus amigos, continuou ouvindo o som, e por dentro um sentimento o dominou, um pensamento surgiu e ele chorou, pois sabia que a realidade é muito triste, mas ela existe. E não se pode viver num mundo de ilusões, onde atores interpretam coisas impossíveis. Para pessoas como eles, na situação em que vivem, só lhes resta uma música, uma promessa, um compromisso, uma letra extensa e com muito conteúdo, que, não raramente, é interrompida por disparos.

Burgos estava cheio até a tampa, não agüentava mais seu pai, o bastardo bebia o dia inteiro e os vizinhos zoavam o velho

chamando-o de tio Chico pra cá, tio Chico pra lá; mas o que mais o aborrecia eram as investidas dos crentes. Ele não aceitava que aquelas pessoas quisessem converter seu pobre pai. As investidas nas igrejas já tinham dado muita confusão, e Burgos só não apagava um palhaço desses porque eles eram todos tapados mesmo.

Tio Chico resolveu ceder e aceitou o convite dos crentes para ir à Sede Universal, onde acontecia a grande manifestação dos milagres. Tio Chico chegou em casa, pegou uma blusa e disse para o filho:

— Fio, o pai vai pra tal Sede, mas num esquentar não, que se os filhos-da-puta levá uma eu desço a bota.

— Cuidado, pai, esses caras não brincam em serviço.

— Que nada, fio, são tudo comédia.

E tio Chico saiu rindo, mas posou de sério quando se encontrou com os evangélicos no ponto. Eles o abraçaram e o chamaram de irmão, ele continuava austero e intocável apesar de seu passado ser totalmente humilhante. O ônibus que tinha na placa as palavras “Terminal Bandeira” logo chegou, lotado como sempre. Eles entraram e se acomodaram como puderam. Entre mulheres, bíblias, crianças, guarda-chuvas, mães-de-santo, jogadores de várzea, o ônibus era o fiel retrato do Brasil, mas tio Chico não viu nada disso; quando entrou, já encostou num cantinho e dormiu pesadamente. Só acordou com o apelo de seus novos irmãos para descer. Rumaram rapidamente para a igreja, e tio Chico se espantou com o tamanho da Sede.

Capítulo dezessete

— Eta, porra! Que bicha grande.

— Psssiu, seu Chico, o senhor está na porta da Casa de Deus, tenha mais respeito.

— Certo, certo, me desculpe; é que eu nunca vi uma igreja tão grande como essa.

Os irmãos o puxaram para dentro e seu espanto foi maior quando adentrou o templo: o lugar era imenso mesmo, mas o mais impressionante era a quantidade de gente que tinha ali dentro. Tio Chico nesse momento viu que aquele lugar não era um lugar pra suas brincadeiras e começou a levar a atitude daquelas pessoas, que no fundo o levaram ali para ajudá-lo, mais a sério.

Logo se colocaram a fazer orações, e todos oravam em grande harmonia. Tio Chico sentiu um grande alívio depois de alguns minutos; começaram a cantar. O culto começou a parecer uma sessão de aeróbica, tio Chico seguia como podia, pois seu velho corpo já destruído parcialmente pelo álcool não agüentava o ritmo frenético de sentar e levantar que os pastores impunham.

As orações e os cânticos pararam e o pastor começou a atacar o inimigo de Deus.

— Se ele está aqui, que saia, saia!

— Se o demônio, o sujo, o filho de belzebu, o canalha, o porco, o inescrupuloso, o traidor, o impotente, o filisteu, o dito, o afrescalhado, o que tem chifre, o que tem rabo, o que num tem mãe, o que queima meu povo no caldeirão quente, o que vicia, o que droga os filhos dos irmãos; se essa praga tá aqui, saia!

E enquanto o pastor pronunciava isso, tio Chico ficou assustado com tantos gritos estranhos que algumas pessoas ali pronunciavam. Tio Chico abriu os olhos e viu vários pastores passando no meio deles, os pastores procuravam algo, e tio Chico ficou apavorado e resolveu sair correndo. Foi quando um pastor parou à sua frente e disse que o demônio não podia fugir, e foi colocando a mão na cabeça de tio Chico para fazer uma oração; mas ele estava tão assustado que, quando o pastor levantou a mão, ele deu-lhe um murro bem no meio da cara, o pastor caiu e não demorou muito a chegar mais pastores. Tio Chico foi treinado na academia do Linão há muitos anos e começou a gingar; gritou salve a capoeira, e foi um, dois, três os pastores a caírem com os golpes do velho capoeirista. Nesse momento era tanta a algazarra que todas as pessoas que estavam na Sede nem prestavam mais atenção no culto, e sim na manifestação do maior demônio que já se vira. Foi quando o pastor gritou ao microfone:

— Pessoal, ajudem a pegá-lo e o levem para o “particular”.

Tio Chico ainda tentou reagir, mas eram muitas pessoas. Uma lhe deu uma gravata e o derrubou, os outros o pegaram pelas pernas e o levaram para um quartinho, e depois o trancaram. Ficou sozinho ali uns cinco minutos e não tinha idéia do que estaria pra acontecer. Foi quando a porta se abriu e entraram cinco pastores. O último fechou a porta e tio Chico, mais calmo, se dirigiu ao primeiro e disse que estava muito nervoso e que... mas não deu tempo dele terminar a frase, foi logo tomando um murro na boca, enquanto o outro pastor lhe deu um sopapo na orelha, logo depois de tomar um telefone. Tio Chico não viu mais nada, a última coisa que escutou foi:

— Pode bater, irmão, pois o demônio que domina este corpo não o deixa sentir nada.

Após duas semanas, tio Chico recebeu alta. Nunca mais foi a nenhuma igreja, mas toda vez que passa em frente a uma, ele faz o sinal-da-cruz.

Burgos sabia que um dia o pai ia se dar mal com suas bebedeiras, mas nunca pensou que seria assim. Invadiu a igreja do bairro, parou o culto dando tiros pra cima e bateu no pastor até ele desmaiar, na frente dos filhos e irmãos.

Capítulo dezoito

As pessoas viviam dizendo que Burgos era um revoltado, mas ninguém podia dizer que ele não acreditava em Deus. É certo que matava a troco de nada, só para ver o tombo, como os vizinhos diziam; mas depois do acontecido na igreja com seu pai, Burgos perdeu a fé em Deus. Sua vida, ele sabia que não tinha muito valor; e que em breve ele não seria mais o caçador e sim a presa.

Rael estava voltando do serviço, acompanhado de Paula, quando cruzaram com Amaral, cumprimentaram-se meio receosos e continuaram a andar. Rael convidou Paula para entrar, ela aceitou prontamente. Dona Maria ainda não havia chegado e a casa estava toda escura, foram diretamente para o quarto. Rael estava totalmente louco, e a agarrou por trás, colocando sua mão direita sobre a virilha de Paula, que falou baixinho:

— Agora meu vampirinho vai me possuir.

Rael a segurou pela cintura, levantou sua saia, abaixou sua calcinha quase rasgando-a e a penetrou violentamente. Ela soltou um grito, e ele, para calá-la, enfiou dois dedos em sua boca, impedindo que o som saísse em sua totalidade. Paula nem tentou gritar mais, pois sabia que o parceiro era bem severo. Rael só tirou os dedos de sua boca quando sentiu vontade de dar-lhe na cara alguns tapas, e não demorou muito a puxar o cabelo da companheira com a outra mão, como se estivesse cavalgando numa égua selvagem. Paula sentia calafrios e alcançou o clímax mais de uma vez. Foi quando Rael viu que a amante estava gostando muito e

que merecia um castigo, retirou seu pênis e colocou-o violentamente no ânus de Paula, que soltou um grito ainda maior que o primeiro, e tentou empurrar o parceiro para trás; mas ele se recusou e disse baixinho com os lábios encostados em sua nuca:

— Fica quieta, você merece isso, a dor é só agora.

Ela respondeu ofegante:

— Cê tá doido, tira essa porra daí.

Mas Rael fingiu não escutar e fazia movimentos mais fortes, como se estivesse querendo matá-la. Paula chorava de dor, mas começou a sentir um leve prazer, e agora já não tentava mais empurrar o parceiro para trás, nem se inclinar para a frente; só aceitava, como se fosse merecedora de tão grande castigo. Rael sentiu que estava na hora do seu alívio do prazer e virou a parceira ao contrário. Agora Paula estava de frente para o crime. Rael apoiou o membro em seu rosto, o fez penetrar em seus lábios e sentiu os dentes de Paula lhe arranharem a glândula. Rael movimentou-o lá dentro por alguns segundos e soltou toda sua ira; ela tentou recuar a cabeça, mas ele pôs as mãos em sua nuca e a obrigou a receber todo o líquido morno. Só quando já não restava mais nem uma gota foi que Rael retirou-o, ela se curvou para expelir, mas ele segurou seu queixo e, levantando seu rosto, disse que ela não deveria fazer isso. Ela não insistiu no ato, levantou-se e deu-lhe um beijo na boca. Rael naquele momento percebeu que estava lidando com uma pessoa louca como ele, que ela era páreo para suas loucuras. Os dois deitaram-se na cama e ficaram mais alguns minutos se beijando e se acariciando.

Paula estava quase chegando em casa, quando avistou Matcherros em sua porta. Imaginou o namorado com um belo par de chifres, daqueles tipo *vikings*, e soltou um leve sorriso. O namorado assimilou seu sorriso e a abraçou, dando-lhe um grande beijo. Ela o chamou para entrar, os dois conversaram longamente sobre o serviço de Paula e sobre como os dois estavam

distantes, e Matcherros lhe prometeu que iria se esforçar mais para vê-la e ficar mais ao seu lado, afinal de contas, a cada dia ela estava mais linda. Paula gostou muito dos elogios do namorado traído, mas sabia muito bem o que ele queria, e insinuou uma menstruação. Matcherros ficou um pouco irritado, mas sua irritação passou quando a namorada o guiou para a sala que estava escura e o jogou no sofá. Em seguida passou a mão em sua calça e retirou o membro de Matcherros para fora. Alguns minutos de movimentos frenéticos, e ele já estava com mais humor; ato contínuo, se beijaram e se despediram.

Matcherros foi para casa pensando que talvez não devesse terminar com Paula, afinal ela parecia gostar mesmo dele. Ele sentia cada vez mais isso, pois apesar de traí-la constantemente, não parava de pensar nela. Talvez seja isso o tal do amor, pensava ele.

Domingo ensolarado, Rael acordou tarde. O dia estava em seu ápice, a feira já estava montada, era só abrir a janela e ver as mulheres passando. Pena que a maioria que geralmente fazia ali suas compras semanais já trazia suas crias. Um incidente comum, infelizmente, para a maioria das garotas entre 12 e 18 anos. Pronunciou ao levantar da cama:

— Filho aqui já virou moda, criar os pequenos inocentes é que é foda.

Quando terminou de falar com as paredes, levou um susto. Se lembrou do convite, foi à folhinha e confirmou, era o dia da festa do Cebola, ele o havia avisado na semana passada. Rael foi tomar banho e se arrumar. Alguns minutos depois já estava todo perfumado. Meio nervoso, é certo, pois a blusa que ele sempre usava estava para lavar. Chegando à casa do Cebola o movimento era intenso, todos já estavam bebendo. Os amigos logo gritaram seu nome, ele se aproximou e logo o cumprimento foi geral. Narigaz lhe perguntou de seu pai e Rael desconversou, o assunto foi desviado

por Amaral, que começou a falar de futebol. Matcherros chegou na roda abraçado com Paula, e Cebola logo fez uma comparação com a já batida série de televisão; Casal Vinte. Todos riram e Matcherros, como resposta a seu irmão, deu um longo beijo na namorada. Rael ficou sem graça mas disfarçou, indo pegar uma cerveja. Logo voltou e começou a servir os amigos, cumprimentou Matcherros e Paula, mas não os olhou diretamente. Fingiu estar se divertindo, Paula o olhou intensamente e logo lhe dirigiu a palavra, pedindo um pouco de cerveja. Rael ameaçou pegar um copo para ela, Paula insistiu e lhe disse carinhosamente que queria beber no seu copo mesmo. O próprio Matcherros insistiu para o amigo dar um gole da cerveja para sua namorada, pois ela bebia pouco. Rael cedeu, mas se sentiu incomodado, ainda mais quando Paula lhe devolveu o copo e piscou delicadamente para ele. Ato contínuo, os dois se retiraram para a sala. Rael se sentiu mais aliviado, mas quando olhou pra trás viu Amaral e notou que o filho da mãe percebera algo, pois estava com um olhar cínico na cara. Rael despistou e começou a puxar papo novamente com os amigos. Após mais de uma hora de conversa e mais de uma dúzia de cervejas, Rael se dirigiu ao banheiro, mas já estava ocupado. Ficou esperando; logo o ocupante saiu. Era Narigaz, e um pouco do mau cheiro que ele espalhou no banheiro saiu com ele. Rael tentou esperar, mas notou que tinha alguém atrás dele, provavelmente alguém que iria usar também o banheiro. Sem alternativa, entrou; mas antes de fechar a porta sentiu alguém passar a mão em sua nádega. Voltou-se e ficou vermelho na hora, quando viu, era Paula.

— Usa logo esse banheiro, meu vampirinho!

Rael levantou o dedo indicador e posicionando-o entre os lábios fez psiu. Entrou no banheiro, usou rapidamente, ficou com um pouco de medo de abrir a porta. Abriu com receio, mas teve um grande alívio quando notou que Paula não estava mais lá. Pensou, safada, ela nem ia usar o banheiro, só queria me zoar.

Foi para a churrasqueira, pegou um pedaço de lingüiça e voltou para a roda de amigos. Começaram a conversar novamente; após alguns minutos Matcherros o chamou para a sala, Rael passou por Spike e Laika que estavam no quintal dos fundos e os acariciou. Sentou no sofá ao lado de Matcherros e Paula meio a contragosto, e começou a conversar. Matcherros perguntou-lhe do emprego e por que o South não tinha ido lá fazer a ficha junto com ele. Rael lhe explicou que o South estava andando com o Gaúcho e que estava meio desandado, fumando baseado direto, e que trampo estava longe do seu pensamento. A conversa fluiu um pouco mais e Matcherros lhe perguntou se queria buscar cerveja com ele, pois só ele e o Cebola não agüentariam três caixas. Rael disse que poderia ir, Matcherros pegou as chaves com seu pai e tirou o carro da garagem. Rael sentou no banco de trás e Cebola no da frente com o irmão. Matcherros ligou o carro e, quando já estavam indo embora, alguém bateu na lataria do carro. Todos olharam e avistaram Paula. Ela correu e, chegando à janela do motorista, disse que queria ir, pois lembrou que tinha que passar na casa da Elaine pra pegar seu diário. Matcherros não gostou muito da idéia mas mandou que ela entrasse. Teriam de desviar o caminho. Paula se sentou ao lado de Rael, que ficou estático. Não passaram nem uns minutinhos e Paula disfarçadamente já passava a mão nas coxas do amigo de seu namorado. Rael estava gelado, mas não podia fazer nada e começou a entender o jogo da amante: ela gostava do perigo, era isso que a excitava.

Logo chegaram à rua da adega, todos desceriam, menos Paula. Rael ia se levantando e Matcherros perguntou aonde ele iria, Rael respondeu que iria ajudar a carregar as caixas. Matcherros disse que não, que era melhor o amigo ficar olhando o carro, Rael insistiu e disse que Paula poderia ficar olhando o carro. Matcherros então, com seu ar de machista, lhe disse que mulher e nada era a mesma coisa. Paula ouviu, mordeu os lábios mas nada falou. Rael aceitou e entrou no carro. Os amigos se afastaram um pouco, pois

a adega ficava longe de onde se podia estacionar. Rael então olhou para as pernas de Paula e viu que ela estava de meia fina e aquela saíinha vermelha que era demais. Ele a olhou fixamente e avistou o demônio. Deslizou sua mão suavemente pelas pernas roliças de Paula, que juntou os lábios, fez um biquinho e disse baixinho:

— Me ataca, me ataca de verdade, meu vampirinho.

Rael então fez o que ela mais gostava e lhe deu uma chupada no pescoço, mas não antes de olhar pra ver se os dois irmãos já estavam voltando. Paula, não resistindo, pôs sua mão nas coxas do amante e começou a movimentá-la num ritmo forte e instigante. Rael continuou acariciando as pernas da companheira e subia sua mão lentamente. A essa altura já estavam se beijando loucamente, mas Rael estava com os olhos abertos, de olho no movimento da rua. Sua mão levantou o vestido de Paula e agora já tentava acariciar a sua pequena vagina, mas era forçosamente impedido pela maldita meia-calça. Foi quando avistou os amigos retornando ao longe com as caixas de cerveja, e empurrou a companheira avisando-a do perigo. Eles se recompuseram rapidamente. Paula ria, pois o amante estava com o pênis ereto e não conseguia despistar. Matcherros e Cebola colocaram as caixas de cerveja no porta-malas e adentraram o carro. Rael foi logo perguntando se as cervejas já vinham geladas; Matcherros, respondeu que sim e ligou o carro, saindo logo em seguida. Tiveram que prolongar o caminho para poder passar na casa da Elaine, onde Paula desceu, entrou na casa e saiu com um diário na mão. Logo chegaram à festa e os amigos estavam todos do lado de fora. Matcherros, assustado com aquele tumulto, saiu do carro rapidamente e perguntou para Panetone o que estava acontecendo.

Capítulo dezenove

A resposta foi rápida.

— É que a Laika e o Spike se soltaram e todo mundo saiu correndo, pois seu pai não estava aqui pra poder prendê-los. Ninguém quis entrar.

Matcherros ao ouvir a resposta do amigo deu uma pequena risada e foi prender os cachorros, convidando todos a entrar novamente.

Todos voltaram a beber. A conversa disfarçada que rola-va era um bochicho, algo sobre o envolvimento de Matcherros com o roubo da moto do Pássaro. Todos estavam comentando que fora ele que tinha dado a fita para os bandidos roubarem, mas a maioria ali sabia o que uma má língua podia causar. Em grande parte não acreditavam nos boatos, pois Matcherros, apesar de nunca ter trabalhado e de fazer suas correrias, era uma figura exemplar ali na travessa Santiago.

Passaram-se alguns dias e Rael ficou abalado quando teve que ir ao enterro do seu Lucas, o pai de Matcherros. Alugaram um ônibus para levar os amigos do finado. E os boatos se tornaram mais intensos durante o enterro, todos diziam que o velho seu Lucas foi pego por vingança, que na verdade a vítima era pra ser seu filho, Matcherros. Mas alguns diziam que desconfiavam que o próprio filho tramara aquilo para o pai, pois a droga ali já tinha feito coisa parecida. Rael não se atreveu a falar nada. Só ouvia e, vira e mexe, dava uma olhadinha para Paula, que estava abraçada com o namorado, o filho do finado.

Rael resolveu dar uma volta pelo cemitério e viu Geóvas e Ratinho fumando um baseado perto do banheiro, mas o que mais lhe chamou a atenção foi um grupo de pequenas crianças que a todo momento se ofereciam para plantar flores nos túmulos, ou aguá-las. Não cabia em sua cabeça o fato de que os pais de tão belas crianças deixassem que elas trabalhassem num lugar tão triste, tão cheio de tragédias, tão cheio de desenganos e desesperanças como o cemitério São Luís.

O caixão estava descendo, no olhar de todos ali havia indignação: um pobre velho aposentado, humilde, que quase não saía de casa! Quando chamaram seu filho, ele pensou se tratar dos amigos, que a todo momento o procuravam; mas não, o que recebeu foram quatro tiros no peito. Por testemunhas somente Laika, Spike e Deus.

Mais alguns dias se passaram, Rael e Paula estavam cada vez mais íntimos. Aos poucos os dois estavam se afastando de todos, marcavam encontros e ficavam praticamente todo o tempo juntos. Rael não demorou muito e comentou com sua mãe que estava gostando de alguém; sua mãe lhe afirmou que já estava sabendo do ocorrido, e que as pessoas já estavam comentando que não existia amizade daquele jeito entre homem e mulher. Rael se sentiu surpreendido mas se manteve tranqüilo, em sua cabeça já corriam planos de ficar com Paula, de um jeito ou de outro.

Para grande surpresa de dona Maria, seu filho, após alguns dias daquela conversa, lhe informou que seu patrão, o seu Oscar, havia lhe perguntado se ele não queira dormir numa casinha nos fundos da metalúrgica, afinal precisava de um caseiro. Rael contou à sua mãe que iria morar lá e queria levar Paula.

Passaram-se alguns dias, e os planos de Rael tomavam forma. Suas conversas com sua mãe eram cada vez mais escassas;

ela estava muito triste, apesar de o filho ter prometido ir vê-la diariamente. Ela sabia que o estava perdendo para sempre, e a solidão se apossaria daquela humilde casa.

Rael combinou com seu Oscar, seu patrão, e teve que abrir o jogo sobre a Paula. Seu Oscar ouviu atentamente mas não esboçou reação nenhuma, só estipulou a data para Rael se apossar da casa e combinou o salário extra para ele poder cuidar da metalúrgica à noite. A decisão mais difícil não era nem a conversa com os pais de Paula e sim a conversa que ele ia ter com seu melhor amigo, Matcherros. Decidiu falar aos poucos, dando algumas indiretas, pois se a notícia fosse dada de supetão poderia causar uma desgraça.

A decisão foi tomada. Após o serviço, à noitinha, ele iria à casa de Matcherros e seria o que Deus quisesse, mas daquela noite não podia passar. Rael não agüentava mais aprisionar tanto amor, ele queria Paula todas as noites de sua vida.

Capítulo vinte

Os policiais adentraram a favela e ordenaram mão na cabeça. Matcherros estava com os cadernos na mão esquerda, um dos policiais engatilhou a arma e disse que se alguém corresse levaria bala. Bateram geral, perguntaram se era só idéia, se não estava rolando um baseado; China disse que era só idéia, um dos policiais lhe deu um tapa na cara, ele se injuriou e jogou uma trouxinha de maconha no policial. O capitão desceu do carro, pegou a trouxinha e perguntou se ele só tinha aquela. China disse que sim, o policial a pôs no bolso e começaram a bater geral em duas minas que desciam da Cohab. A morena mais gostosa teve as mãos do policial apalpando suas nádegas, suas pernas, seus seios firmes; o gambé disse baixinho em seu ouvido:

— Acho que já te vi lá na Aurora, hein, sua vadia?!

A morena nada falou, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

Ao fundo Matcherros notou um gambé com o cassetete na mão, e mesmo com a cabeça baixa percebeu ser seu amigo Capachão.

A polícia subiu o morro, pois um boteco lá em cima chamava a atenção pelo alto volume do som. As frases dos grupos de *rap* deixaram irados os gambés, que chegaram botando pra quebrar no bar do seu Tinho Doido, um senhor de idade que era aposentado e tinha o bar como meio de ajudar a sustentar seus quatro filhos e três netos. O som, antes de ser interrompido por motivo de perfuração à bala, bradou o último verso: “Não confio na polícia, raça do caralho.”

Os dias naquela casa eram normais, sempre que chegava em casa ele beijava sua esposa. O carinho era constante, as cenas sexuais eram violentas e amorosas ao mesmo tempo, o filhinho começava a gritar quando Rael chegava, ele adorava o pai. Rael logo o pegava no colo e fazia-lhe cócegas. O nome do pequeno Ramon fora escolhido em homenagem a um jogador que para seu pai era o melhor.

Paula já estava terminando o jantar. Rael continuava a brincar com Ramon e se lembrou de seu grande amigo quando viu aquele velho filme na TV. Quantas vezes eles riram com o Monty Python juntos... mas agora já era. O preço havia sido alto, mas com certeza ele pagaria novamente, pois ele amava aquela família e nada que seu ex-amigo lhe disse naquela noite ele guardava como ofensa, pois era tudo verdade. Uma frase daquela discussão ficou em sua cabeça por alguns anos: "Da trairagem nem Jesus escapou." É, o Matcherros é foda com as palavras, mas pela ordem, o amor é mais forte, pensava Rael.

Quinta parte

C.R. Campo de Guerra da nova era

Aqui no C.R. (Capão Redondo) é outro esquema, outro tipo de vida e de problema.

As regras da sua sociedade num serve pra nós, se a gente for exercer, num dá outra se não falecimento.

Um lugar com deveres, e sem diretos, mais para campo de extermínio do que para casa.

O índice de morte é mais de 15 por mês, mas não se engane, nasce muito mais que isso por aqui.

Treze, 14, 15 anos, já vi uma de 16 com três filhos, e o primeiro era do próprio padrasto.

Désigualdade, ruas de terra, quando chove o bairro fica isolado em muitos pontos.

O foco de esperança está nos muros grafitados, nos bailes feitos nas quadras das escolas, nos pipas no céu, e nos movimentos em prol da cultura, desde fanzines até as organizações que ainda resistem aqui.

Mas a real é que os bares continuam abertos, o resto da feira traz mau cheiro e faz o evangélico dizer:

– Misericórdia.

Mas essa palavra não tem serventia aqui, pois seguro morreu de velho, vendo de longe o mal malandro sendo rajado.

Uma vez ouvi que as crianças são o futuro, concordo, mas não as daqui, jogadas na rua, criadas pela rotina, o pobre fica na rua sem perspectiva, enquanto o futuro está nas universidades aprendendo a ser o “produto” certo para o “mercado” certo, se a gente fracassar sobra a vala, se o boy fracassar vai administrar o

patrimônio da família, sempre sobra uma vaga pra ele em alguma empresa.

A água escassa, e a energia precária, mas o político promete e todos aplaudem, se você tiver a moral de acreditar em tudo que a bíblia fala, eles te cadastram na igreja e te dão cesta básica.

Aqui é nosso mundo, as ruas são nossos estados e os bonés nossos capacetes de guerra.

A polícia faz o seu papel, tapa na cara pra manter cada um no seu lugar.

Os soldados da favela têm que ter atitude, a linha é tênue mas caminha nela quem quer.

Tiozão, a real é essa, o dia que a gente se conscientizar, vai faltar bala pra todo mundo.

São Paulo, a terra da desigualdade, onde um carro de R\$ 300.000 disputa espaço com o catador de papelão, onde o almoço mais caro é visto pelo menino que não come há três dias.

Num tem como isso se perpetuar para sempre, e o estágio final da fita é aqui, onde o estado crítico se mostra todos os dias, corpos e mais corpos, quando não estão mortos, falta pouco, sem sinal de melhoras.

Às vezes eu fico chapado aqui no campão, vendo os pive-tes jogar bola, e vira e mexe um corre atrás de um pipa, na real eles tão atrás é de um sonho, tão no fundo de tudo, querendo ter uma vida pelo menos mais digna, com menos baixas e mais amor nesse campo de guerra da nova era.

O poder de sonhar ainda persiste, embora a cama não seja o front de batalha, e quando a gente levanta o mundo tá cada vez mais difícil.

A vida por si só é muito fácil de ser vivida, se não jogassem a gente aos milhares em terrenos precários, sem tratamento de esgoto e sem meios de se divertir e adquirir cultura.

As únicas culturas aqui são o hip-hop e a criminalidade, e muitas vezes os manos passam pelos dois, um por puro amor, o outro pela necessidade.

Ninguém escolheu nascer aqui, mas já que aqui estamos, demorô pra gente sobreviver a todo custo.

Fica a pequena esperança de um dia nos trazerem a paz de volta, mas uma paz com justiça, porque a Zona Sul merece isso. Merece viver em paz.

Garrett, 1dasul Área 3 (1DS) Capão Redondo.

Capítulo vinte e um

Pássaro, Ceará, Naná e Dinas tinham dado entrada no Instituto Médico-Legal às seis horas da tarde, deram muito trabalho para os médicos. Resolveram não tirar todas as balas, já haviam tirado mais de cinqüenta e precisavam dar baixa em mais três que tinham vindo do Capão também. Foi uma das maiores chacinas da região, saiu nos jornais de manhã e entrou na estatística à noite.

A metalúrgica tinha crescido bastante, e a casinha dos fundos onde moravam já estava toda reformada. Rael já era pintor na metalúrgica, e era muito dedicado, visitava sua mãe diariamente, mas seus amigos quase não o viam; era do serviço pra casa direto. Todos sentiam saudades, perguntavam a dona Maria sobre o filho, e dona Maria sempre dizia que ele estava bem, mas a realidade era que sentia algo estranho em relação a Paula, coisa de mãe.

Chegou em casa cedo naquela noite. Alguma coisa estava errada. Aquele dia o marcaria como o mais desgraçado de sua vida. Ele nem conseguiu ler o bilhete por inteiro, caiu no chão chorando. Tinha sido abandonado repentina e inexplicavelmente. Um bilhete, uma troca cruel, ele chorava e queria sua mulher e seu filho de volta, mas nada restava na casa, nenhum móvel, nenhum utensílio; nada.

Saiu do recinto revoltado e foi para o bar realizar o que dava pra realizar. Várias na cabeça. Depois arrumou encrenca com vários da vila, mas todos o conheciam ali, e não agiram na maldade. O levaram para a metalúrgica e ligaram para seu patrão. Seu

Oscar chegou e o mandou para casa. Rael o mandou para o inferno e tentou agredi-lo, mas caiu na tentativa. Seu Oscar mandou que chamassem sua mãe. Dona Maria logo chegou e levou o filho com a ajuda do Panetone e do Amaral.

Rael acordou mais tarde naquele dia, estava na sua cama de solteiro, seu quartinho estava do jeito que ele tinha deixado anos atrás. Sua mãe lhe serviu um café fresco e ele o tomava enquanto se arrumava para ir trabalhar. Sua mãe lhe perguntou de Paula, e ele narrou o acontecido. Ambos choraram abraçados, Rael dizia que queria seu filho de volta. As lágrimas secaram e Rael foi para o serviço. Chegando lá, Zeca disse para ele ir ao departamento pessoal; ele já sabia do que se tratava, mas não acreditava que seu Oscar teria coragem de fazer aquilo com ele. Rael foi demitido sumariamente, avisaram-lhe mais tarde que Zeca estava se mudando para a casa dos fundos. Ele seria o novo morador daquele lugar que tantas alegrias trouxera a Rael.

Os rumores eram gerais, mas o que mais chateou Rael foi saber que tinham avistado Paula perto do Jardim Santo. Eduardo. Ela tinha um menininho no colo e estava muito bonita, abraçada com um senhor mais velho, reconhecido posteriormente como o seu Oscar, seu ex-patrão. Finalmente, ele tinha entendido tudo, a casa dos fundos da metalúrgica era um favor, mas não para ele, e sim para a amante do seu Oscar. Talvez ela, Paula, já sáisse com ele bem antes; afinal, como Matcherros dissera, “Da trairagem nem Jesus escapou”.

Burgos lhe explicara tudo, como proceder, e agora era só esperar. Seu Oscar desceu do carro e estava abrindo a primeira porta da metalúrgica. Burgos estava do outro lado, Rael ia fazer por vingança, pela honra; Burgos ia fazer pela grana. Burgos o rendeu facilmente com uma pistola F. N. modelo 1903 calibre 9 mm, que fora desenhada para o Exército belga, o empurrou para dentro do escritório. Rael adentrou a metalúrgica e seu Oscar suou frio quando o viu com uma calibre 12 nas mãos. Burgos começou a revirar o escritório, achou o cofre e seu Oscar deu a senha. Rael

encostou a arma em sua cabeça e lembrou de Ramon, Burgos pegou o dinheiro e pensou numa CBR novinha e numa mina na garupa, muito gostosa. Rael suava, seu coração batia mais acelerado do que o de seu Oscar, Burgos falou que iria evadir e que era pra ele fazer o serviço. Rael balançou a cabeça afirmativamente, Burgos saiu. Rael se esqueceu de Deus, de sua mãe e das coisas boas da vida, apertou o gatilho e fez um buraco de oito centímetros na cabeça de seu Oscar.

A vizinha estava saindo pra comprar pão. Se assustou com o barulho, mas antes de entrar, ela viu Rael sair com uma arma de dentro da metalúrgica. Entrou em casa, ligou para a polícia e ferrou mais um irmão periférico.

Rael se lembrava de um amigo seu, poeta, e de suas palavras, "Solidão é diferente de isolamento". Os outros pensavam em carros, em mulheres, em dinheiro fácil e em fumar um baseado.

Rael ouviu ao fundo um maluco dizendo que trabalhou para um burguês filho-da-puta que tinha de tudo, tinha piscina, um jipinho para ele brincar com seu filho, com motor e tudo, uma puta árvore de Natal forrada de presentes; mas quando olhava pra ele só via ganância e desapontamento. O burguês filho-da-puta num dava valor pra nada. Rael começou a pensar e se lembrou de Nandinho, de sua humildade, lembrou que, quando pagava um pastel pro moleque, ele dividia quase que com a favela inteira, lembrou do brilho do olhar dele quando pegava um pipa cheio da linha, ou quando saía na favela no Ano-novo com sua roupa nova, todo de branco riscando bombinha e atirando-as pra todo lado.

Ele dormiu tranqüilamente naquela noite, ao seu lado seus óculos e o gibi *Orquídea Negra*. Os malucos do xadrez já o estavam respeitando a pampa e ele sabia que iria cumprir mais da metade da pena em liberdade, pois era réu primário.

O primo do Burgos estava na mesma cela e havia recebido um bilhetinho horas antes durante a visita; Burgos pedia um favor.

Capítulo vinte e dois

Rael sentiu uma dor horrível quando o seu amigo de cela enfiou a caneta em seu ouvido, ele só arregalou os olhos e pensou em seu filho, Ramon. Seu corpo foi retirado da cela pela manhã e encaminhado ao IML.

Burgos estava sossegado agora, não corria mais o risco de ser cagüetado, tava com dinheiro e comprou um Logus preto. Subiu a rua da igreja São José Operário e desceu com o carro abarrotado de armas. Com a pistola alemã Heckler Und Koch de 9 mm Parabellum e com a Colt Modelo 1911 A-1 que havia sido desenhada para o Exército dos Estados Unidos por John Browning. Com estas ele sabia lidar; mas o fuzil AR-15 e o lança-foguetes para ele eram novidades. Estava doido para mostrar para Mixaria, Geóvas, Ratinho e para o China.

A polícia tinha pego o China perto da boca e queria saber onde tava o Burgos. China não abriu a boca até a hora em que os gambés o colocaram no camburão e o fizeram tirar as calças. Ele sabia que os gambés eram ruins e resolveu colaborar.

Foi solto.

Burgos foi pego no flagrante, mas o BO não foi registrado. Os policiais, exercendo todo seu treinamento acadêmico, o levaram para o Guaraci e depois que atiraram em sua cabeça o jogaram no rio.

Venderam as armas para Turcão e fizeram uma churras-cada no fim de semana com todas as famílias reunidas na casa do

tenente. Na hora da troca de presentes, o tenente lembrou-se de ter pego uma bolsa de tênis no carro de Burgos. Percebeu que seria certo dar para seu filho de apenas nove anos. O moleque adorou o presente, chegou em seu quarto, abriu a bolsa e guardou a H. K. debaixo do colchão.

Fátima tomou o remédio indicado pela amiga. O primeiro morador a sair para trabalhar quase pisou no desprotegido cadáver, e de manhã a vizinhança inteira estava olhando o feto jogado no meio da calçada. A criançada fazia a festa, a polícia chegou e ficou preservando o lugar em que estava jogado o pequeno.

Mixaria, China e Geóvas estavam no Opala fumando um baseado, Jura e Ratinho tinham ido à boca comprar farinha, Mixaria sabia que não deveria esperá-los, pois eles comiam até o saquinho do bagulho. Resolveram dar um rolê, subiram pela viela próximo à rua Dez. Mixaria decidiu deixar o carro descer um pouco para bater propositadamente no fusquinha do Carlos, pois ele tinha tomado uma pipa e batido em seu irmão.

O Opala bateu levemente no fusca, o fusca tava sem o freio de mão puxado e andou, atravessou o pequeno espaço da rua e bateu no meio do Monza do Célio.

O China viu a besteira que o amigo fez e falou para ele sair fora, mas Mixaria tava meio louco com o bagulho que havia fumado e começou a rir. Geóvas viu que o bicho ia pegar, abriu a porta do carro e saiu correndo, descendo pela ponte, saindo no ponto final do Jardim Comercial. Mixaria abriu a porta do carro e desceu ainda rindo. Célio abriu o portão e saiu só de calça e chinelo, China se afastou um pouco, pois pensou que ele estava armado. Não estava, tinha vendido sua 44 algumas horas antes.

Célio se aproximou ainda mais, Mixaria continuou rindo, Célio desceu a porrada em Mixaria. China pegou um pedaço de madeira e desceu a lenha nas costas de Célio, ele caiu. O leva-

ram para seu barraco, lá dentro ele recobrou a consciência e levantou. Mixaria viu um facão na pia, arregaçou o facão em seu braço quase o decepando, China se afastou, Célio gritou, Mixaria deu-lhe com o facão novamente, só que dessa vez na cabeça. Célio caiu de bruços. Mixaria pegou um espeto de churrasco e furou suas costas dezenas de vezes, Célio tentou gritar, mas não tinha mais forças, nem conseguia se virar. China tapou os ouvidos e tentou não escutar nada; Mixaria foi até o armário, pegou várias facas de mesa, enfiou-lhe uma por uma: uma entre as nádegas, que quase lhe atingiu o ânus; uma em seu pescoço; uma em sua perna esquerda. China saiu fora e correu como nunca, achou que Mixaria ficara daquele jeito por causa da farinha empastada da rua de baixo.

Mixaria estava completamente louco. Quando a polícia chegou, viu as pernas e os braços de Célio decepados e seus olhos arrancados. Algemaram Mixaria, que dormia abraçado ao tronco do falecido. Célio havia trabalhado dois anos na padaria da vila sem folga, havia feito muita hora extra para comprar o velho Monza prateado.

Capítulo vinte e três

China foi preso uma semana depois, quando estava saindo do Palácio. Negou tudo, e após o delegado ter apagado alguns cigarros em sua barriga, viu que o pequeno nada devia e o soltou pelado no Jardim Imbé. Os moradores pensaram que ele era estuprador e o lincharam até a morte.

A mãe de Mixaria ficou muito triste quando o filho foi encontrado morto na cadeia, e ficou revoltada quando descobriu que o Opala não tinha sido quitado na agência.

— E aí, truta! Firmeza?

— Só, eu tô na boa, choque, e você?

— Na moral, tô lá tramando com o Matcheros na firminha dele.

— Ah! Tô ligado, o Amaral me contou que ele tá indo pela órdi lá com o esquema.

— É, o bagulho virou bem, se pá nós vamo contratá até o Panetone, isso é, se o bagulho dele com o futebol num virá.

— Firmeza, o esquema é esse; afinal, como diz o crente, “Se Deus é por nós, quem será contra nós”.

— Choque, a parada sempre foi nesse naipe, e a parada cada vez vai ser pior, as correrias estão ficando mais forte e a parada vai ficar cada vez mais louca, firma!

— Fora os malucos que tão só no trampo, que nem o Tiozinho lá da rua de cima, o seu Damião, que sai todo dia na correria, pega buzão lotado e nunca vi ele reclamando.

— Só! Mas o que leva esses tiozinhos e alguns malucos mais novo a suar pra caralho num trabalho? Se pá é a vontade de ver o filho no final da noite, tá ligado? E nas correria louca, nem sempre se vê o pivete, e nem sempre se volta pra casa, tá ligado?

— Só, choque! Eu também tô nesse sossego, mas é o seguinte, eu sempre procuro o bem, tá ligado? Mas se o mal vier, choque, que o Senhor tenha misericórdia.

Posfácio

Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema. Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.

A luz dos postes; a oração do idoso que pede que Deus ilumine sua vida e a vida dos seus; o menino que não concilia o sono com a fome; o barulho dos carros passando pela fresta do barraco, encobrimdo a música do disco que fala de muitos na contramão da evolução social, sendo seus destinos infrutíferos, e sendo seus futuros tão gloriosos e raros quanto um belo pôr do sol.

É muito raro um favelado parar para ver as estrelas numa grande e farta cidade que só lhe entrega cada dia mais a miséria, mas que é sua cidade. Uma metrópole definidora de destinos cruzados, inutilmente ligados pela humildade e pelo carinho que os cercam. Família é sintonia, dizem os poetas urbanos sobreviventes do inferno para aqueles de mentes tristes, porém fascinadas em igual proporção com as ilusões carnavalescas de um país que luta por seus times de futebol, mas não luta pela sua dignidade.

Ponha no próximo a culpa de sua ganância, diga que esse indivíduo é com certeza mais ganancioso que você, mas e daí? Que

esses meninos que vivem na rua se virem, que esses meninos que estão na rua se matem, me matem, te matem, porque quando um bem não é gerado, o mal com certeza muitas vezes em dobro volta. É só olhar ao redor e ver que eles são menos abraçados a cada dia pelos seus, que eles não são acolhidos carinhosamente em um lar, e sendo assim eles nunca alcançarão o padrão social imposto.

A linha é fina, muito tênue: uma vida boa, um bom carro, um quarto todo mobiliado, talvez até um barco; mas e o Brasil? Que Brasil!

O mesmo Brasil que gera cada vez mais miseráveis, que gera um pequeno que é retirado pelas belas mãos asseadas e carinhosas de um médico como se o retirasse de um casulo, e o traz à vida dando-lhe um tapinha nas nádegas, para progredir com justiça e igualdade com outros garotos na frágil linha da vida. Uma vida que o pequeno futuramente pensará que é sua, mas não é, pois seu futuro é incerto e ameaçado pelo fantasma da injustiça social. Ele não sabe que aquele médico não é seu pai, e que seu pai está numa obra, pois não lhe deram o dia de folga. O médico se formou na USP, um recinto que era para o povo, mas já foi reservado desde sua criação para os *playboys*. Seu pai se formou na vida, uma vida que era para todos, porém desde que a abolição foi declarada, todos souberam reservar sua parte, menos ele e os seus.

A meniña na janela sorri para o menino. Manda-busca, manda-busca, ele grita enquanto ela continua a fitá-lo e a pensar numa casa, uma casa só sua; num quintal cheio de flores e num gatinho branco, com os olhos azuis, que ela retira de perto de seu pequeno filho para não arranhá-lo.

Mas algum tempo depois ela é a culpada dos sonhos do menino terem ido por água abaixo, e o álcool completa o círculo de dor tão comum por aqui. A criança chora, o gato foge, ele espanca, ela desanima, e os sonhos acabam mais uma vez.

Qual será o lado real do monitor, o lado certo para se viver? Eles até tentam nos ludibriar, mas a realidade é um pouco

diferente, e na TV a gente vê que a vida é muito bacana pra quem tem uma boa porcentagem da riqueza nacional.

As mais belas músicas ou as mais realistas palavras não vão te tirar de tão cômoda vida, pois nada mais faz a menor diferença. Todos vêem, mas não querem enxergar que o futuro nos reserva mais dor, e nossa vida é como se estivéssemos sentados olhando pela janela de um avião que está caindo rapidamente. E tudo sempre esteve tão perto e tão longe.

A pobreza aqui é passada de pai para filho, assim como a necessidade de se trabalhar dia e noite para comprar um pão, um saco de arroz, um saco de feijão. Mas é com amor e carinho que criamos nossos filhos, sem nos darmos conta do local, dos amigos incertos e das coisas que injetam aqui — armas e drogas. Embriagados continuaremos assim, andando no chão frio com os pés descalços, um sorriso na boca ainda seca da corrida contra a lei. Toda uma nação está olhando para uma janela eletrônica; através dela está o passado manipulado, e o que ninguém vê é a porta que fica ao lado, a porta do futuro, que está trancada pela mediocridade dos nossos governantes.

O calor foi mais uma vez roubado do corpo — ele foi morto —, estava quase sem esperanças de ter um bom futuro, pois queria ter algo, mas estava sem dinheiro, numa área miserável onde todos cantam a mesma canção, que é a única coisa que alguém já fez exclusivamente para alguém daqui; certamente, é algo sobre a dor, a esperança, a frustração, ou algo tão específico que só poderia ser feito para os habitantes de um lugar por Deus abandonado e pelo diabo batizado de Capão Pecado.

XYNT COPY

ASTA Nº 3241A